BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE: 0043, P-1/92

P-043

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES

DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

PROCESSO Nº 043

TÍTULO DA PEÇA: "DE BRECHT A STANISLAU PONTE PRETA"

CENSURA DA GUANABARA. CENSURADA TAMBÈM NO SCDP-DF, LIBERADA PARA APRESENTAÇÃO EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL - COM IMP. - 18 ANOS-

Carimbo do S. C.

Autuação

Anexos:

PROC.- 043
LIV.- 01
PAG.- 158
REG.- 5049

67

Distribuição

M. J. N. I. DEPARTAMENTO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p.2

Ilmo. Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do D P F

2

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
M. J.
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
APROVO
10 de outubro de 1967

O Mini-Teatro da Guanabara, por seu representante abaixo assinado, vem mui respeitosamente requerer de V.Sa., autorização para apresentação dos espetáculos constantes da programação abaixo, nos dias 10-11-12-13-14 e 15 de outubro corrente, no Teatro Martins Penna.

N. Têrmos
P. Deferimento
Brasília, 10 de outubro de 1967

Milton Carneiro
P/p Mini-Teatro da Guanabara

PROGRAMAÇÃO DOS ESPETÁCULOS:

1ª Parte:-"A Exceção e a Regra" - de Bertold Brecht
Personagens- Comerciante: JAIME BARCELOS
Guia: VINICIUS SALVATORI
Carregador e
mulher do carregador: CECÍLIA FIGUEIREDO
Policial,hoteleiro e Juiz: MILTON CARNEIRO

2ª Parte:- Poemas de Bertold Brecht - ditos por Vinicius Salvatori
Crônicas de Sérgio Pôrto - ditas por Milton Carneiro, Jaime Barcelos e Cecília Figueiredo.

Horários-
De 3ª a 6ª feira - 21:00 horas
Sábado - 20:00 e 22:00 horas
Domingo - 18:00 e 21:00 horas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043,8-3

Ultimas do Stanislaw -

1º) Galo que se apaixona por uma galinha só, prejudica a criação.

2º) O cara era tão complexado, tão complexado, que quando se olhava no espelho não via ninguém.

3º) Em terra de gigante anão é troco -

4º) Em festa de passarinho, urubú é leão de chácara.

5º) O sujeito era tão pobre, tão pobre, que só chamava mendigo de "excelência"

6º) O que seria do dôce de côco se não fosse o acento circunflexo.

7º) Jockey Clube é o lugar onde os cavalos correm e os burros apostam.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

Alô! Alô! Besteira

Não, ordem nós temos! Pode não haver muito progresso, mas ordem nós temos - Tanto assim que o Diretor Geral do I.A.P.I. apresentou uma circular para manter a ordem no uso dos telefones dentro da repartição. É uma circular tão bacaninha que eu guardei um exemplar:

1º) Colocar o dedo no orifício correspondente ao algarismo do número que vai discar.

2º) Fazer girar o dedo para a direita até encontrar o gancho da parada. Logo que encontrar o gancho para -

3º) Proceder do mesmo modo para discar um a um os algarismos do número desejado -

4º) Não acelerar mas também não retardar a volta do disco à posição normal, deixando o gancho na posição normal sem qualquer movimento enquanto estiver falando ou discando -

Os defeitos que surgirem deverão ser levados ao conhecimento da direção e alertados os funcionários quanto à maneira de discar -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043 IP-5

5

A E X C E Ç Ã O E A R E G R A

(Die Ausnahme und die Regel)

Peça didática de BERTOLT BRECHT, com a colaboração de Elisabèth Hauptmann e Emil Burri. Música especialmente composta por Paul Dessau.

Tradução de Mário da Silva.

Serviu de base à tradução o texto contido no volume 10 ("Versuche 22-24") das obras de Brecht, publicado em 1950 pelo Suhrkamp Verlag, antigo S.Fischer, onde a peça, escrita em 1930, constitui o 24º ensaio.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043;p. 6

OS ATÔRES

Vamos já vos referir
A história de uma viagem. Quem a empreende
É um homem que explora a dois explorados.
Observai o agir dessa gente:
Achai-o estranhável, se bem que não estranho,
Inexplicável, se bem que habitual,
Incompreensível, se bem que seja a regra.
Para a menor ação, simples, nas aparências,
Olhai desconfiados. Indagai
Se isso é necessário, especialmente o usual!
Um favor vos pedimos: não acheis
Natural o que sempre se passa e torna a se passar!
Nada pode chamar-se natural,
Neste tempo de sangue e confusão,
De caos encomendado, de arbítrio planejado,
De humanidade desumanizada; a fim de que
Nada seja julgado imutável!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p.7

C O R R I D A N O D E S E R T O

(DOIS PEQUENOS GRUPOS ATRAVESSAM CÉLERES O DESERTO, A PEQUENA DISTÂNCIA UM DO OUTRO)

O COMERCIANTE - (AOS SEUS DOIS ACOMPANHADORES, O GUIA E UM CULE, ÊSTE CARREGANDO A BAGAGEM) Vamos, depressa, molezas! Daqui a mais dois dias, precisamos chegar ao pôsto de Han, pois temos de arrancar, de qualquer modo, um dia de vantagem. (AO PÚBLICO) Eu sou o comerciante Karl Langmann e estou viajando para Urga, a fim de ultimar as negociações para uma concessão. Atrás de mim, vêm os meus concurrentes. Quem chega primeiro, fecha o negócio. Graças à minha esperteza e à minha energia em levar de vencida tôdas as dificuldades e à inflexibilidade em tratar os meus acompanhadores, realizei a viagem, até aqui, quase na metade do tempo habitual. Infelizmente, também os meus concurrentes conseguiram igual velocidade. (OLHA PARA TRÁS COM SEU BINÓCULO) Estão vendo? Lá vêm êles novamente, quase nos alcançando! (AO GUIA) Por que você não açula o carregador? Eu contratei você para que o açule; mas vocês, pelo dinheiro que me cobram, querem é andar a passo de passeio. Você tem uma idéia de quanto custa a viagem? Pois é, o dinheiro não é de vocês. Mas, se me fizer sabotagem, chegando a Urga eu denuncio v. à agência!

O GUIA - (AO CARREGADOR) Procura andar mais depressa.

O COMERCIANTE - Você não tem nos pulmões o tom certo, nunca há de ser um guia de verdade. Eu devia ter pegado outro, mais caro. Os que nos seguem estão chegando cada vez mais perto. Bata no rapaz, vamos! Eu não sou a favor de bater, mas, agora, é preciso bater. Se eu não chego primeiro, estou arruinado. Confesse que você, para meu carregador, pegou seu irmão! É por isto que não bate nêle, porque é um parente! Eu conheço vocês! O que não vos falta é brutalidade. Bata nêle ou eu despeço você. Depois, você pode me processar à vontade, para receber o seu salário. Meu Deus do ceu, êles vão nos alcançar!

O CULE - (AO GUIA) Bate em mim, mas não com tôda a tua fôrça, porque, se quero chegar ao pôsto de Han, não posso ainda empregar tôdas as minhas energias. (O GUIA BATE NO CULE)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043 p.8

GRITOS VINDOS DE TRÁS - Alô! Êste caminho leva para Urga? Aqui, bom amigo! Esperem por nós!

O COMERCIANTE - O diabo que os carregue! Para a frente! Durante três dias, eu continuo açulando os meus acompanhadores: dois dias, com insultos e, no terceiro, com promessas; depois veremos em Urga. Os meus concurrentes estão sempre me seguindo de perto, mas, na terceira noite, em vez de descansar, eu prossigo na marcha, me ponho, finalmente, fora do alcance da sua vista e chego ao pôsto de Han no terceiro dia, um dia antes que qualquer outro. (CANTA) -

Que eu não dormisse, foi que me deu vantagem,
Que açulasse meus homens, que me levou p'ra frente.
O fraco fica atrás, o forte alcança a meta.

(2)

F I M D A P E R C O R R I D Í S S I M A E S T R A D A

O COMERCIANTE - (DIANTE DO PÔSTO DE HAN) Êste é o pôsto de Han. Graças a Deus, eu o alcancei um dia antes que qualquer outro. Os meus homens estão exaustos. Além disso, estão furiosos comigo. Êles não têm a menor compreensão para recordes de velocidade. Não são lutadores. É uma corja que vive rastejando no solo. Naturalmente, não se atrevem a dizer nada, porque, graças a Deus, ainda existe a polícia para cuidar da ordem.

DOIS POLÍCIAS - (AVANÇANDO) Tudo em ordem, cavalheiro? O senhor está satisfeito com as estradas? Está satisfeito com os seus acmpanhadores?

O COMERCIANTE - Tudo em ordem. Fiz a viagem, até aqui, em três dias, em vez de quatro. As estradas são uma boa porcaria, mas eu costumo levar a têrmo tudo que me proponho fazer. E como são as estradas, do pôsto de Han em diante? O que vem agora?

POLÍCIA - Agora, cavalheiro, vem o deserto de Jáhi, completamente despovoado.

O COMERCIANTE - Pode-se, aí, conseguir uma escolta policial?

POLÍCIA - (SEGUINDO CAMINHO) Não, cavalheiro, nós somos a última patrulha que o senhor vai encontrar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043,59

(3)

O G U I A É D E S P E D I D O N O P Ô S T O D E H A N

O GUIA - Desde que falamos com os polícias, diante do pôsto de Han, o nosso comerciante mudou quase completamente. O tom com que nos fala, agora, é muito diferente: é amigável! Isso nada tem a ver com a rapidez da viagem, já que, também para êste pôsto, o último antes do deserto de Jáhi, não foi estabelecido nenhum dia de descanso. Eu não sei como é que vou levar até Urga o carregador, neste estado de esgotamento. Afinal de contas, esta atitude amigável do comerciante está me prëocupando muito. Receio que êle tem algum plano a nosso respeito. Anda muito por aí, mergulhado em reflexões. Novos pensamentos, novas patifarias. Seja lá o que fôr que êle esteja tramando, eu e o carregador precisamos agüentar firme. De outro modo, êle não nos paga o salário ou nos manda embora no meio do deserto.

O COMERCIANTE - (APROXIMANDO-SE) Sirva-se de fumo. Aqui tem papel de cigarro. Vocês passariam através das chamas, por uma tragada. Eu não sei o que vocês não seriam capazes de fazer, para mandar essa fumaça pela goela abaixo. Graças a Deus, isto é o que não nos falta. O nosso fumo dá para três vêzes daqui até Urga.

O GUIA - (PEGANDO O FUMO, DE SI PARA SI) O nosso fumo!

O COMERCIANTE - Vamos nos sentar um pouco meu amigo. Por que você não se senta? Uma viagem destas cria a maior aproximação humana entre duas pessoas. Bem, se você não quer, pode, também, ficar de pé, naturalmente. Vocês têm lá seus hábitos. Normalmente, eu não me sento junto cm você nem você se senta junto com um carregador. Essas são diferenças sôbre as quais repousa o mundo. Mas fumar juntos, podemos. Não é verdade? (RI) Isso eu aprecio em você. É, também, uma forma de dignidade. Bem, vá arrumado a bagagem tôda. E não esqueça a água. Parece que há poucos poços d'água neste deserto. Aliás, meu amigo, eu queria alertá-lo: reparou como o carregador olhou para você, quando você o sacudiu com rudeza? Tinha no olhar qualquer coisa que não indicava nada de bom. Mas você vai ter de tratá-lo mais rudemente, nos próximos dias, porque talvez precisemos acelerar ainda mais a nossa marcha. E êle é um preguiçoso. A região para onde vamos agora é despovoada; e, aí, êle mostrará, talvez, os seus reais sentimentos. Sim, você é um homem de condi-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, P. 10

UMA PORTA ABERTA, O GUIA VAI PARA O PÁTIO AO LADO. O COMERCIANTE FICOU SENTADO SÒZINHO) Pessoal engraçado. (O COMERCIANTE FICOU SENTADO EM SILÊNCIO) (O GUIA, AO LADO, VIGIA O CARREGADOR ARRUMANDO A BAGAGEM. DEPOIS, SENTA-SE E FUMA. O CULE, QUANDO ACABOU, SENTA-SE, RECEBE DÊLE FUMO E PAPEL DE CIGARRO E INICIA COM ÊLE UMA CONVERSAÇÃO)

O CULE - O COMERCIANTE vive dizendo que é um serviço prestado à humanidade, quando se tira petróleo do solo. Quando se tirar petróleo do solo, aqui haverá estradas de ferro e o bem-estar será geral. O comerciante diz que aqui haverá estradas de ferro. De que é que eu vou viver, então?

O GUIA - Você pode ficar descansado. Não vai haver estradas de ferro tão cedo. Ouvi dizer que o petróleo, quando é descoberto, é logo escondido. Aquêle que tapa o poço de onde sai o petróleo recebe dinheiro para guardar silêncio. É por isto que o comerciante está com tanta pressa. Êle não quer, absolutamente, o petróleo, quer é o dinheiro para guardar silêncio.

O CULE - Isto eu não compreendo.

O GUIA - Ninguém compreende.

O CULE - O caminho, no deserto, vai ser ainda pior do que até aqui. Esperemos que os meus pés Agüentem.

O GUIA - Com certeza.

O CULE - Há ladrões nas redondezas?

O GUIA - Sòmente hoje à noite, no primeiro dia de viagem, é que teremos de abrir os olhos; nas vizinhanças do pôsto, juntam-se tôda a espécie de canalhas.

O CULE - E depois?

O GUIA - Quando tivermos deixado para trás o rio Myr, vai se tratar sòmente de marcharmos ao longo dos poços d'água.

O CULE - Você conhece o caminho?

O GUIA - Conheço. (COMERCIANTE OUVIU FALAREM. VAI ATRÀS DA PORTA ESCUTAR)

O CULE - O rio Myr é difícil de atravessar?

O GUIA - Nesta época do ano, geralmente, não. Mas, quando está em cheia, a correnteza arrasta com muita violência e se corre perigo de vida.

O COMERCIANTE - Êle está, realmente, falando com o carregador. Junto com êle, pode se sentar! Comigo, fuma!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043,P 11

O GUIA - Muitas vêzes, é preciso esperar oito dias, até poder se passar, sem risco, para a outra margem.

O COMERCIANTE - Vejam só! Ainda por cima está aconselhando a não ter pressa e tomar muito cuidado com sua preciosa existência! Êsse sujeito é perigoso! Ainda vai tomar as dôres do outro. Em todo caso, não é homem que saiba impor sua autoridade. Quando não seja capaz de coisa pior! O fato é que, a partir de hoje, serão dois contra um; no melhor dos casos, porém, é mais do que evidente que êle tem mêdo de tratar com energia aquêle que está sob as suas ordens, agora, que vamos para uma região despovoada. Preciso absolutamente me livrar dêsse sujeito. (VAI PARA ONDE ESTÃO OS DOIS). Eu encarreguei você de verificar que a bagagem seja arrumada direito. Agora, vamos ver se você cumpre as tarefas que lhe dou. (PUXA COM FÔRÇA UMA CORREIA DA BAGAGEM, ATÉ A CORREIA REBENTAR) Isso se chama arrumar a bagagem? Se a correia rebenta, somos obrigados a ficar um dia parados. Mas é isso, justamente o que você quer: uma parada para descanso.

O GUIA - Eu não quero parada nenhuma. E a correia não rebenta, se ninguém a puxa com tôda a fôrça.

O COMERCIANTE) O quê? Você, ainda por cima, me contradiz? A correia rebentou ou não rebentou? Tenha a coragem de dizer, na minha cara, que não rebentou! E já vi, de um modo geral, que v. não é pessoade confiança. Eu errei quando procurei tratar v. decentemente; vocês não suportam isso. Eu não posso precisar dos serviços de um guia que não sabe impor respeito aos seus subordinados. V. tem mais aptidões para carregador do que para guia. E eu tenho meus motivos para pensar que você, até, instiga o pessoal à desobediência.

O GUIA - Que motivos?

O COMERCIANTE - Ah, isso v. gostaria de saber, não é? Pois muito bem: você está despedido.

O GUIA - Mas o senhor não pode me despedir na metade da viagem.

O COMERCIANTE - V. deve dar-se por muito feliz é de que eu não o denuncie à agência em Urga. Aqui tem seu dinheiro: precisamente, a tarifa, até êste ponto da viagem. (CHAMA O HOTELEIRO) O senhor é testemunha: paguei tudo o que devia. (AO GUIA) E posso lhe dizer, desde já, que é melhor que, em

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p. 12, 17

O COMERCIANTE - (CONT.) nunca chegará a nada, na vida. (VAI COM O HOTELEIRO PARA O OUTRO QUARTO) Vou partir imediatamente. Se me acontecer alguma coisa, o senhor é testemunha de que eu parti, hoje, daqui, sòmente com êsse homem. (INDICA O CULE.

HOTELEIRO - (EXPRESSA, COM GESTOS, QUE NÃO ENTENDEU NADA)

O COMERCIANTE - (PERPLEXO) Êle não entendeu! Assim, não há ningu ém que poderá dizer para onde eu fui. E o pior é que êsse pessoal sabe que não há ninguém. (SENTA-SE E ESCREVE UMA CARTA)

O GUIA - (AO CULE) Eu fiz um erro, quando me sentei junto de você. Toma cuidado, êsse homem é mau. (DÁ-LHE UMA GARRAFA D'água) Guarda essa garrafa de reserva. Guarda-a escondida. Se vocês, por acaso, se perderem no caminho - e como é que você vai poder achar o caminho certo? - êle, com tôda a certeza, vai te tirar a tua. Agora, vou te explicar o caminho.

O CULE - É melhor que não. Êle não deve ver você falar comigo; e, se me manda embora, estou perdido. A mim, êle não precisa nem pagar, porque não pertenço a um sindicato, como você; eu tenho de suportar tudo.

O COMERCIANTE - (AO HOTELEIRO) Entregue esta carta às pessoas que vão chegar aqui amanhã e que, também, se dirigem para Urga. Eu vou prosseguir meu caminho só com o carregador.

O HOTELEIRO - (INCLINA-SE E PEGA A CARTA) Mas êle não é um guia.

O COMERCIANTE - (DE SI PARA SI) Então, êle compreende! E, antes, fingia que não compreendia! Êle já conhece isto. Nessas questões, não quer ser testemunha. (AO HOTELEIRO, DE MODO ÁSPERO) Explique ao meu carregador o caminho para Urga. (O HOTELEIRO VAI E EXPLICA AO CARREGADOR O CAMINHO PARA URGA. O CULE FAZ DILIGENTE E REPETIDAMENTE QUE SIM COM A CABEÇA) Já vi que vai haver luta. (SACA UM REVÓLVER E O LIMPA. ENQUANTO ISSO, CANTA)

O homem doente morre, o homem forte peleja.
Por que devia o solo entregar o petróleo?
Por que devia o cule carregar minhas coisas?
Pelo petróleo, é preciso lutar
Com o solo e com o cule
E o lema é, nesta luta:
O homem doente morre, o homem forte peleja.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p. 13
13

O COMERCIANTE - Agora, v. já sabe o caminho?

O CULE - Sim, senhor.

O COMERCIANTE - Então, vamos! (O COMERCIANTE E O CULE SAEM. O HOTELEIRO E O GUIA OS ACOMPANHAM COM O OLHAR)

O GUIA - Não sei se meu colega compreendeu direito. Compreendeu depressa demais.

(4)

C O L Ó Q U I O N U M A R E G I Ã O P E R I G O S A

O CULE - (CANTA) Eu vou para a cidade de Urga,
Sem parar, eu vou para Urga.
Os ladrões não me fazem desistir de ir para Urga,
O deserto não faz com que eu desista de ir para Urga.
Em Urga há comida e salário.

O COMERCIANTE - Como é despreocupado êsse cule! Estamos numa região onde há ladrões e tôda a sorte de patifes, que se juntam nas vizinhanças do pôsto. E êle canta! (AO CULE) Aquêle guia é um tipo de quemnão gostei nunca. Uma vez, era grosseiro, outra vez, bajulador. Era um homemfalso.

O CULE - Sim, senhor. (TORNA A CANTAR)
São duras as estradas, prá ir até Urga,
Espero qa meu pés agüentem até Urga,
Sofrimentos sem conta há, prá mim, até Urga,
Mas em Urga há descanso e há salário.

O COMERCIANTE - Por que é v. canta e está tão alegre, meu amigo? Não tem mêdo dos ladrões? Você acha, não é?, que aquilo que êles podem tirar de você não pertence a você, porque aquilo que v. tem a perder, pertence a mim.

O CULE - (CANTA) Também minha mulher, me espera em Urga, e
Meu filho, também, me espera em Urga,
E também...

O COMERCIANTE - (INTERROMPE-O) Não gosto disso de você cantar. Não temos nenhuma razão para cantar. A sua voz se ouve até Urga. Assim, francamente, é querer atrair para aqui a canalha. Amanhã, você poderá cantar de nôvo quanto quizer.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p. 14

O COMERCIANTE - (QUE MARCHA À FRENTE DÊLE) Êle não esboçaria a menor defesa, se lhe roubassem suas coisas. Que é que êle faria? Seria do seu dever, em caso de perigo, que considerasse o que é meu como se fôsse dêle. Mas isto êle não faria nunca. Raça ruim. E, também, não diz nada. Êsses são os piores. É claro que não posso ver o que se passa na cabeça dêle. Que planos terá? Não tem motivos para rir e ri. De que será que êle ri? Por que, por exemplo, me deixa caminhar na sua frente? Quem sabe o caminho é êle! Para onde será que êle me leva? (OLHA EM REDOR E VÊ O CULE APAGANDO, COM UM LENÇO, OS RASTOS ATRÁS DE SI) Que é que v. está fazendo?

O CULE - Estou apagando os nossos rastos, senhor.

O COMERCIANTE - E por que v. faz isto?

O CULE - Por causa dos ladrões.

O COMERCIANTE - Ah, por causa dos ladrões. É preciso saber, porém, para onde v. me trouxe. Afinal, para onde é que v. está me levando? Vá na frente! (PROSSEGUEM O CAMINHO EM SILÊNCIO. COMERCIANTE, DE SI PARA SI) Nesta areia, realmente, os rastos são muito visíveis. Refletindo melhor, seria naturalmente muito bom apagar os rastos.

(5)

À M A R G E M D O R I O E M C H E I A

O CULE - Viemos no caminho certo, senhor. Aquilo que vemos lá, é o rio Myr. Nesta época do ano, geralmente, não é difícil atravessar, mas, quando está em cheia, a corrente za arrasta com muita violência e se corre perigo de vida. Está em cheia!

O COMERCIANTE - Temos que atravessá-lo.

O CULE - Muitas vêzes, é preciso esperar oito dias, até poder se passar, sem risco, para a outra margem. Agora, corre-se perigo de vida.

O COMERCIANTE - Isso veremos. Não podemos esperar nem um dia.

O CULE - Então, precisamos procurar um vau ou um bote.

O COMERCIANTE - Isto é muito demorado.

O CULE - Mas eu sei nadar muito mal.

O COMERCIANTE - A água não está tão alta assim.

O CULE - (ENFIA UM PAU DENTRO D'ÁGUA) Está muito alta.

COMERCIANTE - Quando v. se achar dentro d'água, nadará logo. Porque isso v.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p. 15

COMERCIANTE - (CONT.) Por que motivo precisamos ir para Urga? V. não pode compreender, idiota, que é um serviço prestado à humanidade, quando se tira petróleo do solo? Quando o petróleo tiver sido tirado do solo, aqui haverá estradas de ferro e o bem-estar será geral. Haverá pão e roupa e Deus sabe o que mais. E quem é que vai fazer isto? Nós. Está dependendo da nossa viagem. Procure imaginar: que todos os olhos desta terra, por assim dizer, estão voltados para você, para um homenzinho sem importância como você. E v. ainda hesita em cumprir o seu dever?

O CULE - (DURANTE ÊSSE DISCURSO, AJOELHOU-SE RESPEITOSAMENTE) Eu sei nadar muito mal.

COMERCIANTE - Afinal de contas, eu, também, estou arriscando minha vida. (O CULE CONCORDA REVERENTEMENTE COM UM SINAL DA CABEÇA) Eu não compreendo você. Guiando-se por considerações mesquinhas e gananciosas, v. não tem nenhum interêsse que cheguemos à cidade de Urga quanto mais cedo, mas, sim, quanto mais tarde possível, porque v. é pago por dia. Logo, v. não se interessa mìnimamente pela viagem, mas sòmente pelo seu salário.

O CULE - (ESTÁ EM PÉ, À MARGEM DO RIO, HESITANTE) O que devo fazer? (CANTA)

Aqui está o rio.
Atravessá-lo a nado é perigoso.
à sua margem acham-se dois homens
Um, o atravessa a nado, o outro
Hesita. É o primeiro corajoso?
É o outro um covarde? Para além do rio,
Tem, o primeiro, um negócio a realizar.
Saindo do perigo, assoma o primeiro,
Respirando aliviado, à margem conquistada.
Ingressa no que é seu,
Como comida nova.
Mas o outro sai do perigo,
Arquejando, para o nada.
Novo perigo o aguarda, a êle, o enfraquecido.
Serão ambos corajosos?
Serão ambos sensatos?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p-16
16

CULE - (CONT.) Não saem dois vencedores!
Nós é uma coisa, mas
Eu e tu, outra, diferente.
Nos tivemos a vitória,
E tu me vences a mim.

O CULE - Dê-me licença, pelo menos, de descansar algumas horas. Estou fatigado de arrastar a bagagem. Descansado, talvez eu consiga chegar à outra margem.

COMERCIANTE - Eu tenho um meio melhor. Vou encostar o cano do meu revólver nas suas costas. Quer apostar que v. chega à outra margem? (DÁ-LHE UM EMPURRÃO PARA A FRENTE. DE SI PARA SI) O meu dinheiro me faz temer os ladrões e esquecer o rio. (CANTA)

Assim supera o homem
O deserto e o rio em cheia
E se supera a si mesmo e conquista
O petróleo que os homens usam.

(6)

O A C A M P A M E N T O N O T U R N O

(À NOITE, O CULE, QUE TEM UM BRAÇO QUEBRADO, PROCURA ARMAR A TENDA. O COMERCIANTE ESTÁ SENTADO ALI PERTO)

COMERCIANTE - Já disse que, hoje, v. não precisa armar a tenda, porque, atravessando o rio, quebrou seu braço. (O CULE CONTINUA ARMANDO A TENDA EM SILÊNCIO) Se eu não tivesse tirado v. para fora d'água, v. teria se afogado. (O CULE CONTINUA ARMANDO A TENDA) Mesmo se eu não tenho nenhuma culpa do seu acidente - o tronco de árvore podia, do mesmo modo, me ter apanhado a mim - ainda assim essa desgraça lhe aconteceu durante uma viagem comigo. Eu trouxe pouco dinheiro, mas em Urga tenho o meu banco e lá vou dar dinheiro a você.

O CULE - Sim, senhor.

COMERCIANTE - Resposta lacônica. Tôdas as vêzes que olha para mim, êle quer me fazer observar que eu é que teria causado o dano que êle sofreu. Êsses cules são uma gentalha traiçoeira! (AO CULE) V. pode se deitar. (AFASTA-SE DALI E VAI SENTAR-SE MAIS LONGE) A desgraça do braço quebrado, certamente o incomoda menos a êle do que a mim. Essa canalha não se amofina muito com o

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p. 17

COMERCIANTE - (CONT.) do nível de uma tigela de comida. Fracos e enfermiços por natureza, nem se preocupam mais consigo mesmos. Assim como alguém joga fora aquilo que lhe saiu mal feito, êles jogam fora a si mesmos. Sòmente o bem sucedido é que luta. (CANTA)

O homem doente morre, o homem forte peleja;
E assim está bem.
O forte será ajudado, ao fraco ninguém ajuda;
E assim está bem.
Deixa cair o que cai, dá-lhe, a mais um ponta-pé,
Pois assim está bem.
Senta-se para o banquete quem, lutando, venceu;
Assim está bem.
E, após o embate, o cozinheiro não conta os mortos;
E assim está bem.
E o Deus das coisas como estão criou patrão e criado;
E assim está bem.
E quem passa bem, é bom, quem passa mal, é mau;
E assim está bem.

(O CULE APROXIMOU-SE. O COMERCIANTE O VÊ E SE ASSUSTA) Êle escutou! Alto! Pare aí! Que é que v. quer?

O CULE - A tenda está pronta, senhor.

O COMERCIANTE - Não fique andando por aí na ponta dos pés, durante a noite. Não estou para isso. Quero é ouvir os passos, quando um homem se aproxima de mim. E quero, também, olhar um homem nos olhos, quado estou falando com êle. Deite-se e não se preocupe mais comigo. (O CULE VOLTA PARA TRÁS) Alto! V. vai dormir na tenda! Eu fico sentado aqui, porque estou acostumado ao ar fresco da noite. (O CULE ENTRA NA TENDA) Eu gostaria de saber quanto foi que êle ouviu da minha canção. (PAUSA) Que é que êle está fazendo agora? Continua atarefado em qualquer coisa.

O CULE - (PREPARA CUIDADOSAMENTE O CHÃO NA TENDA) Esperemos que êle não note nada. Com um braço só, não posso cortar direito estas ervas.

O COMERCIANTE - Quem não se acautela é um cretino. Confiar é estupidez. Êsse homem, por minha causa, sofreu um acidente que pode, até, aleijá-lo pelo

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0043, p.18

COMERCIANTE - (CONT.) E o homem forte, dormindo, não é mais forte do que o fraco dormindo. O ser humano não deveria precisar dormir. Certo que seria melhor eu ir me sentar na tenda; aqui, ao relento, pode-se pegar doenças. Mas que doença poderia ser tão perigosa quanto o é o ser humano? Êsse homem, por pouco dinheiro, caminha ao meu lado, que tenho muito dinhâro. Mas a estrada é cansativa em medida igual para os dois. Quando êle estava cansado, apanhava. Quando o guia se sentou junto dêle, o guia foi despedido. Quando êle, talvez, realmente, por causa dos ladrões, apagou os nossos rasto na areia, foi tratado com desconfiança; quando mostrou ter mêdo, à margem do rio, foi obrigado a ver o cano do meu revólver. Como é que posso dormir na mesma tenda com um homem assim? Êle não pode pretender que suporta tudo isto passivamente! Eu gostaria de saber o que êle estará maquinado lá dentro! (O CULE DEITA-SE, TRANQUILAMENTE, PARA DORMIR) Eu seria um louco se fôsse para a tenda.

(7)

A Á G U A R E P A R T I D A

COMERCIANTE - Por que é que v. pára?

O CULE - A estrada acaba aqui, senhor.

COMERCIANTE - E daí?

O CULE - Senhor, se me bateres, não batas no braça machucado. Eu não sei mais o caminho.

COMERCIANTE - Mas o homem no pôsto de Han, então, não lhe explicou?

O CULE - Sim, senhor.

COMERCIANTE - E v. o compreendeu?

O CULE - Não, senhor.

COMERCIANTE - Por que, então, v. disse que sim?

O CULE - Fiquei com mêdo de que me mandasse embora. Eu sei, sòmente que deve ser ao longo dos poços d'água.

COMERCIANTE - Pois, então, vá seguindo ao longo dos poços d'água.

O CULE - Mas é que não sei onde ficam.

COMERCIANTE - Continue marchando! E não procure me fazer de tolo. Eu sei muito bem que v. já percorreu êste caminho antes. (CONTINUAM MARCHANDO)

O CULE - Mas não seria melhor se esperássemos pelos outros, que vêm atrás

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043,18.19

COMERCIANTE - Não! (CONTINUAM MARCHANDO)

(b)

COMERCIANTE - Mas para onde é que v. está andando, afinal? Isso aí, agora, é rumo Norte. O Leste é lá. (O CULE CONTINUA NO MESMO RUMO)Alto! Que foi que deu em você? (O CULE PÁRA, SEM OLHAR PARA O COMERCIANTE) Por que v. não olha para mim nos olhos?

O CULE - Pensei que ali era o Leste.

COMERCIANTE - Pois, então, espere aí, rapaz! Eu já vou lhe mostrar como é que se deve me guiar. (BATE NO CULE) Agora, v. já sabe onde fica o Leste?

O CULE - (GRITANDO) Não no braço machucado!

COMERCIANTE - Onde fica o Leste?

O CULE - Ali.

COMERCIANTE - (FURIOSO) Ali? Mas v. estava andando para lá!

O CULE - Não, senhor.

COMERCIANTE - Onde ficam os poços d'água? (O CULE NÃO RESPONDE. O COMERCIANTE, APARENTEMENTE CALMO) V. não disse, ainda há pouco, que sabia onde ficam os poços d'água? Sabe ou não sabe?

O CULE - Sim.

COMERCIANTE - (BATE NÊLE) Sabe ou não sabe?

O CULE - Não.

COMERCIANTE - Dê cá a sua garrafa d'água. (CULE ENTREGA A GARRAFA) Eu, agora, podia colocar-me no ponto de vista de que a água tôda é minha, porque v. me guiou pelo caminho errado. Mas não faço: vou repartir a água com você. Beba o seu trago e, depois, vamos adiante. (DE SI PARA SI) Perdi o contrôle de mim mesmo; numa situação destas, eu não devia ter batido nêle.

(c)

COMERCIANTE - Aqui, nós já estivemos. Olhe aí os rastos.

O CULE - Quando estivemos aqui, ainda não podíamos nos ter afastado muito do caminho.

COMERCIANTE - Vá armando a tenda. A nossa garrafa está vazia. Na minha garrafa não há mais nada. (SENTA-SE, ENQUANTO O CULE ARMA A TENDA. ÀS ESCONDIDAS, BEBE ÁGUA DA SUA GARRAFA. DE SI PARA SI) É preciso que êle não veja que ainda tenho água. De outro modo, se tiver nem que seja um só centelho de bon

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p.20

COMERCIANTE - (CONT.) (SACA DO REVÓLVER E O GUARDA NO REGAÇO) Minha garganta já está completamente sêca. Por quanto tempo um homem poderá aguentar a sêde?

O CULE - Preciso entregar a êle a garrafa d'água que o guia me deu no pôsto. Senão, quando nos acharem, se eu estiver vivo, ma êle, meio morto de sêde, irão me processar. (PEGA A GARRAFA E VAI PARA JUNTO DO COMERCIANTE. ÊSTE O VÊ, DE REPENTE, EM PÉ À SUA FRENTE E NÃO SABE SE O CULE O VIU OU NÃO BEBER. O CULE NÃO O VIU BEBER. OFERECE-LHE, EM SILÊNCIO, A GARRAFA. O COMERCIANTE, NA SUPOSIÇÃO DE QUE SE TRATA UMA PEDRA DAS GRANDES QUE HÁ NO CAMINHO E DE QUE O CULE, ENCOLERIZADO, QUER MATÁ-LO, COMEÇA A GRITAR)

COMERCIANTE - Jogue fora essa pedra!! (E, COM UM TIRO, ABATE O CULE, QUANDO ÊSTE, NÃO TENDO COMPREENDIDO, CONTINUA LHE OFERECENDO A GARRAFA) Pronto! Cachorro! Miserável! Agora v. recebeu a sua conta!

(8)

CANÇÃO DOS TRIBUNAIS

(CANTADA PELOS ATÔRES, ENQUANTO SE MODIFICA O PALCO PARA A CENA DO TRIBUNAL)

Na bagagem das hordas dos salteadores
Seguem os tribunais.
Quando o inocente foi trucidado
Em seu redor reunem-se os juízes e o condenam.
Sôbre o sepulcro do trucidado,
Trucida-se o seu direito.

Cai a sentença dos tribunais
Como a sombra do facão do magarefe.
Ah, o facão ter fôrça suficiente; não precisa
Da recomendação de uma sentença!

Olha êsse vôo de abutres! Aonde vão?
Fugiram do deserto, onde falta alimento.
Irão se alimentar nas salas dos tribunais.
Prá lá foge o assassino. O algoz
Lá está em segurança e lá o ladrão
Oculta o fruto do seu roubo, envolto

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, P.21

(9)

T R I B U N A L

O GUIA E A MULHER DO MORTO JÁ ESTÃO SENTADOS NA SALA DO TRIBUNAL)

O GUIA - (À MULHER) A senhora é a mulher do morto? Eu sou o guia que contratou seu marido. Ouvi dizer que, nêste processo, a senhora pede a punição do comerciante e uma indenização. Vim imediatamente para cá, porque tenho a prova de que seu marido foi morto sem nenhuma culpa. Está aqui, na minha bôlsa.

HOTELEIRO - (AO GUIA) Ouvi dizer qu tem uma prova na sua bôlsa. Vou lhe dar um consêlho: deixe-a ficar na bôlsa.

O GUIA - Mas a mulher do cule deve sair daqui de mãos vazias?

HOTELEIRO - Mas v. quer ir para a lista negra?

O GUIA - Vou refletir no seu consêlho.

(O TRIBUNAL VAI OCUPAR O SEULUGAR, O MESMO FAZEM O ACUSADO COMERCIANTE BEM COMO A SEGUNDA CARAVANA E O HOTELEIRO)

O JUIZ - Está aberta a audiência. Tem a palavra a mulher do morto.

A MULHER - Meu marido carregou a bagagem dêsse senhor através do deserto de Jáhi. Pouco antes do fim da viagem, êsse senhor o matou a bala. Mesmo se meu marido nem por isso vai voltar a viver, peço que seu assassino seja punido.

JUIZ - A senhora também pede uma indenização.

MULHER - Sim, porque o meu pequeno filho e eu perdemos quem nos sustentava.

JUIZ - (À MULHER) Não lhe fiz nenhuma censura. A solicitação de ordem material não constitui desonra para a senhora. (À SEGUNDA CARAVANA) Atrás da expedição do comerciante Karl Langmann, vinha outra expedição, à qual o guia da primeira, depois de despedido, foi se juntar. A menos de uma milha de distância da rota a ser seguida, ela podia avistar aquela que se malogrou. Que foi que o senhor viu, quando se aproximou dela?

CHEFE DA SEGUNDA CARAVANA - O comerciante só tinha ainda pouquíssima água na garrafa e seu carregador jazia morto na areia, varado por uma bala.

JUIZ - (AO COMERCIANTE) Foi o senhor que matou o homem?

COMERCIANTE - Sim. Êle me agrediu de repente.

JUIZ - De que maneira êle o agrediu?

COMERCIANTE - Queria me matar traiçoeiramente com uma grossa pedra.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p.22

COMERCIANTE - Não.

JUIZ - O senhor açulou seus homens com muita rudeza?

COMERCIANTE - Não.

JUIZ - Acha-se presente o guia despedido, que acompanhou a expedição na primeira parte da viagem?

O GUIA - Eu.

JUIZ - Diga o que sabe a respeito.

O GUIA - Pelo que me constava, para o comerciante se tratava de chegar a Urga o mais depressa possível, por causa de uma concessão.

JUIZ - (AO CHEFE) O senhor teve a impressão de que a expedição que marchava na sua frente o fizesse com rapidez fora do comum?

CHEFE - Não, fora do comum, não. Êles tinham um dia de vantagem e mantinham essa vantagem.

JUIZ - (AO COMERCIANTE) Para isso, porém, o senhor não pode deixar de ter açulado os seus homens.

COMERCIANTE - Eu não açulei, absolutamente. Isso era tarefa do guia.

JUIZ - (AO GUIA) O acusado não ordenou expressamente ao senhor que açulasse o carregador de maneira especialmente enérgica?

O GUIA - Eu não o açulei mais que de costume; antes, menos.

JUIZ - Por que motivo o senhor foi despedido?

O GUIA - Porque, na opinião do comerciante, eu me mostrava amigável demais com o carregador.

JUIZ - E não devia? O senhor tinha a impressão de que o cule, o qual, portanto, não devia ser tratado de maneira amigável, era um homem revoltado?

O GUIA - Não, êle suportava tudo, porque, como êle mesmo me disse, tinha mêdo de perder o trabalho. Êle não pertencia a nenhum sindicato.

JUIZ - De modo que, então, êle teve de suportar muita coisa, não é? Responda! E não fique, tôdas as vêzes, refletindo no que vai responder. A verdade virá à tona de qualquer maneira!

O GUIA - Eu estive presente só até o pôsto de Han.

HOTELEIRO - (DE SI PARA SI) Muito bem, guia!

JUIZ - (AO COMERCIANTE) Depois do pôsto, aconteceu alguma coisa que possa explicar a agressão do cule?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043,p.23

JUIZ - Escute. O senhor não deve tentar se fazer mais inocente do que é. Assim, acaba não se saindo bem, homem. Se o senhor tratou o seu cule com luvas de pelica, como explica então, o ódio que o cule tinha pelo senhor? É só tornando êsse ódio verossímil que o senhor poderá tornar, também, verossímil que agiu em legítima defesa. Reflita, homem!

COMERCIANTE - Preciso confessar uma coisa. Uma vez, bati nêle, sim.

JUIZ - Ah ah! E o senhor acha que essa única vez fêz nascer no cule tamanho ódio?

COMERCIANTE - Não, mas é que encostei o cano do meu revólver nas costas dêle, quando não queria atravessar o rio. E, na passagem do rio, êle quebrou um braço. Isso, também, foi culpa minha.

JUIZ - (SORRINDO) Na opinião do cule.

COMERCIANTE - (TAMBÉM SORRINDO) Naturalmente. Na realidade, eu o tirei para fora da água.

JUIZ - Muito bem. Depois de ter despedido o guia, portanto, o senhor deu ao cule motivo para odiar o senhor. E antes? (AO GUIA, EM TOM IMPERIOSO) Confesse de uma vez por tôdas que o homem odiava o comerciante! Quando se reflete nisso, aliás, é até óbvio. É compreensível que um homem, o qual, mal remunerado, é levado com a violência a enfrentar um perigo e, para vantagem de outro, sofre, até, prejuizos na sua saúde e está arriscando a vida quase que a trôco de nada, comece, depois, a odiar êsse outro.

O GUIA - Êle não o odiava.

JUIZ - Agora, vamos interrogar o hoteleiro do pôsto de Han e ver se êle pode referir alguma coisa que nos permita ter uma idéia clara das relações existentes entre o comerciante e seus dois acompanhadores. (AO HOTELEIRO) Como é que o comerciante tratava os seus homens?

HOTELEIRO - Tratava bem.

JUIZ - Deseja que mande evacuar a sala? O senhor acha que, se disser a verdade, os seus negócios poderão sofrer prejuízos?

HOTELEIRO - Não, no caso não é necessário.

JUIZ - Como quizer.

HOTELEIRO - Êle até deu fumo para o guia e pagou, sem discutir, tudo que lhe devia. E o cule, também, foi tratado bem.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p-24

HOTELEIRO - Sim. Depois, começa o deserto de Jáhi, completamente despovoado.

JUIZ - Ah, bem! Então, no caso da amabilidade do comerciante, tratava-se de uma amabilidade ditada pelas circunstâncias e, evidentemente, também, de pouca duração, de uma amabilidade tática, por assim dizer. Também na guerra, os nossos oficiais punham todo o empenho em tratar a tropa de maneira tanto mais humana quanto mais se chegava perto da frente de batalha. Essas amabilidades, naturalmente, nada significam.

COMERCIANTE - Êle, por exemplo, cantava o tempo todo, antes, quando marchávamos. A partir do momento em que o ameacei com o revólver, para fazê-lo atravessar o rio, nunca mais o ouvi cantar.

JUIZ - Portanto, êle estava magoado. É compreensível. E eu não posso deixar de mencionar de nôvo o exemplo da guerra. Também ali podia-se compreender perfeitamente a gente simples do povo, quando dizia para os oficiais: pois é, vocês estão fazendo a sua guerra, mas nós estamos fazendo a de vocês. Do mesmo modo, o cule podia dizer ao comerciante: você está fazendo os seus negócios, mas eu estou fazendo os de você!

COMERCIANTE - Tenho outra coisa para confessar. Quando nos perdemos no caminho, eu reparti com êle uma garrafa d'água, mas guardei a segunda, porque queria bebê-la sòzinho.

JUIZ - Será que êle viu o senhor beber?

COMERCIANTE - Foi o que supús, quando êle avançou contra mim com a pedra. Eu sabia que êle me odiava. Quando chegamos à região despovoada, fiquei de sobreaviso noite e dia. Eu não podia deixar de admitir que, na primeira oportunidade, êle viesse para cima de mim. Se eu não o tivesse matado, êle me teria matado.

MULHER - Eu queria dizer uma coisa. Não é possível que êle o tivesse agredido. Êle nunca agrediu ninguém.

O GUIA - Fique sossegada. Eu tenho na bôlsa a prova de que êle era inocente.

JUIZ - Foi encontrada a pedra com a qual êle ameaçou o senhor?

CHEFE - Êsse homem (INDICA O GUIA) a tirou das mãos do morto. (GUIA MOSTRA A GARRAFA)

JUIZ - É essa a pedra? O senhor a reconhece?

COMERCIANTE - Sim, a pedra é essa.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043,p.25

PRIMEIRO JUIZ ADJUNTO - Isso aí é uma garrafa d'água e não uma pedra.

SEGUNDO JUIZ ADJUNTO - Agora, tudo indicaria que o cule não queria, absolutamente, matá-lo.

O GUIA - (ABRAÇANDO A VIÚVA) Está vendo? Eu pude provar: êle era inocente. Foi uma sorte excepcional, poder prová-lo. É que, quando êle partiu do último pôsto, eu dei para êle esta garrafa. O hoteleiro é testemunha de que a garrafa é minha!

HOTELEIRO - (DE SI PARA SI) Imbecil! Agora, êle, também, está perdido!

JUIZ - Isto não pode ser a verdade. (AO COMERCIANTE) Então, êle teria dado ao senhor de beber!

COMERCIANTE - Só pode ter sido uma pedra.

JUIZ - Não, não era nenhuma pedra. O senhor mesmo está vendo que era uma garrafa d'água.

COMERCIANTE - Mas eu não podia imaginar que fôsse uma garrafa d'água. O homemnão tinha nenhuma razão para me dar de beber. Eu não era amigo dêle.

O GUIA - Porém, êle lhe deu de beber.

JUIZ - Mas por que será que lhe deu de beber. Por quê?

O GUIA - Deve ser porque pensou que o comerciante estava com sêde. (OS JUIZES SORRIEM UM PARA O OUTRO). Provàvelmente por sentimento de humanidade. (OS JUIZES TORNAM A SORRIR) Talvez por estupidês. O que eu penso é que êle não tinha nada contra o comerciante.

COMERCIANTE - Então, deve ter sido mesmo muito estúpido. O homem, por minha causa, sofreu um acidente que podia, até, aleijá-lo para o resto da vida. O braço! Nada mais justo da parte dêle, do que querer tirar a forra disso.

O GUIA - Nada mais justo.

COMERCIANTE - O homem, por pouco dinheiro, caminhava ao meu lado, que tenho dinheiro. Mas a estrada era cansativa em medida igual para os dois.

O GUIA - Isso, então, êle sabe.

COMERCIANTE - Quando estava cansado, apanhava.

O GUIA - E isso não é justo?

COMERCIANTE - Admitir que o cule, na primeira oportunidade, não me matasse, teria sido admitir que eu não tenho senso comum.

JUIZ - O senhor quer dizer que estava com a razão, ao supor que o cule de-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p 26

JUIZ - (CONT.) cias, o senhor teria, realmente, matado um inocente, mas só porque não podia saber que êle era inocente. É o que se dá, vez por outra, com a nossa polícia. Êles atiram contra a multidão, gente que faz uma demostração, completamente pacífica, sòmente porque não conseguem imaginar que essa gente não os arranque muito simplesmente de cima dos cavalos para bater nêles. Êsses polícias atiram contra tudo, na verdade, por mêdo. E que tenham mêdo é uma prova de bom senso. O que o senhor quer dizer é que não sabia que o cule constituía uma exceção!

COMERCIANTE - A gente tem de se ater à regra e não à exceção.

JUIZ - Sim, o caso é êsse: que motivo devia ter êsse cule para dar de beber ao seu algoz?

O GUIA - Nenhum motivo razoável!

JUIZ - (CANTA) A regra é: ôlho por ôlho!
O louco confia na exceção.
Que lhe dê o inimigo de beber,
Isto o homem sensato não espera.

O GUIA - (CANTA) No regime que êles criaram,
Ser humano é exceção.
Logo, a quem se mostre humano,
Caro lhe custará.
Temei, vós, por todo aquêle
Que vos pareça bondoso!
Refreai, firmes, quem quer
Que os outros queria ajudar!
A teu lado alguém tem sêde: fecha depressa teus olhos!
Tapa os ouvidos: alguém, a teu lado, está gemendo!
Retém parado o teu pé: estão te pedindo socorro!
Ai daquele que cede aos bons impulsos!
Dá de beber a um homem,
Quem bebe é um lôbo!

JUIZ - Agora, vamos deliberar. (O TRIBUNAL RETIRA-SE)

CHEFE - (AO GUIA) O sr. não tem mêdo de nunca mais arranjar emprêgo?

O GUIA - Eu devia dizer a verdade.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p-21

JUIZ - (AO COMERCIANTE) O tribunal vai lhe fazer mais uma pergunta. Não será que o senhor tirou alguma vantagem da morte do cule?

COMERCIANTE - Pelo contrário. Eu precisava dêle para o negócio que tinha em Urga. Era êle quem carregava os mapas e as tabelas de medição de que eu necessitava. Eu não estava em condições de carregar minha bagagem sòzinho!

JUIZ - De modo que, então, o senhor não realizou o seu negócio em Urga?

COMERCIANTE - Claro que não. Cheguei tarde demais. Estou arruinado.

JUIZ - Então, vou proferir a sentença. O tribunal considera como demonstrado que o cule se aproximou do seu patrão, não com uma pedra, mas com uma garrafa d'água. Mesmo, porém, depois de admitido isto, é antes de se crer que o cule queria usar a garrafa d'água para matar o seu patrão do que supor que quizesse lhe dar de beber. O carregador pertencia a uma classe, a qual tem, efetivamente, motivo para se sentir prejudicada. Para gente como o carregador, defender-se contra um abuso que o lesasse na partilha da água era mera questão de bom senso. Sim, para essa gente, do seu ponto de vista limitado e unilateral, aferrado sòmente à realidade, devia, até, parecer justo tirar vingança dos seus algozes. No dia do acêrto de contas , êles só tinham a ganhar. O comerciante não pertence à classe à qual pertencia o seu carregador. Precisava precaver-se contra êle, esperando o pior. O comerciante não podia acreditar num gesto de camaradagem da parte do carregador, que êle, confessadamente, tinha maltratado. O bom senso lhe dizia que se encontrava sob a mais grave das ameaças. O despovoado da região devia causar-lhe as maiores apreensões. A ausência de polícia e de tribunais tornava possível que seu empregado lhe extorquisse a sua parte de água de beber e, mesmo, o encorajava a fazê-lo. O acusado, portanto, agiu em legítima defesa, e isto tanto se foi ameaçado como se sòmente se sentiu ameaçado. De. De conseqüência, o acusado é absolvido e rejeitada a queixa da mulher do morto.

OS ATÔRES - Assim termina a história de uma viagem.

Vós todos vistes e ouvistes.

Vistes o normal, o que sempre se passa e torna a se passar.

Nós, porém, vos pedimos:

Achai, sim, estranhável o que não é estranho!
Achai inexplicável o que é habitual
E que vos estarreça o que é çostumeiro!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p.28

28

POEMAS DE

BERTOLT BRECHT

TRADUÇÃO DE

GEIR CAMPOS

PARA A PRIMEIRA PARTE DO ESPETÁCULO:

"DE BRECHT A STANISLAW"

MINI TEATRO

Rua Figueiredo Magalhães, 286 - sobreloja.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p.29

ELOGIO DO APRENDIZADO

Aprende o que é mais simples! Para aquêles
cujo momento chegou,
nunca é tarde demais.
Aprende o ABC: não basta, mas
aprende-o! Não desanimes!
Tens de assumir o comando!

Aprende, homem no refúgio!
Aprende, homem na prisão!
Mulher na cozinha, aprende!
Aprende, sexagenário!
Tens de assumir o comando!
Procura a escola, tu que não tens casa!
Cobre-te de saber, tu que tens frio!
Tu, que tens fome, agarra o livro: é uma arma!
Tens de assumir o comando!

Não tenhas mêdo de fazer perguntas:
não te deixes levar por convencido,
vê com teus próprios olhos!
O que não sabes por experiência própria,
a bem dizer, não sabes.
Tira a prova da conta:
és tu quem vai pagar!
Aponta o dedo sôbre cada item,
pergunta: como foi parar aí?
Tens de assumir o comando!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, P-30

MUDAI O MUNDO, ÊLE ESTÁ PRECISANDO

Junto com quem não haveria de tentar-se o justiceiro
para ajudar a justiça?
Que remédio seria ruim demais
para quem agoniza?
Que baixeza tu não praticarias
para acabar de vez com a baixeza?
Se pudesses, enfim, mudar o mundo,
te julgarias bom demais para isso?
Afinal, quem és tu?
Chafurda na sujeira,
abraça o magarefe,
e muda o mundo - que êle está precisando!

PERGUNTAS DE UM TRABALHADOR QUE LÊ

Quem construiu Tebas de sete portas?
Constam nos livros os nomes dos reis;
terão os reis arrastado os blocos de pedra?
E Babilônia, tantas vêzes arrasada
- quem, tantas vêzes, a reconstruiu?
Em que edifícios da dourada Lima os construtores moravam?
Para onde iam, à noite, os pedreiros, depois de pronta a Muralha da China?
A grande Roma é cheia de arcos de triunfo. Quem os ergueu? Sôbre quem
triunfavam os césares? Teria a tão decantada Bizâncio
só palácios para os seus habitantes? Até na lendária Atlântida,
na noite em que pelo mar foi tragada,
os afogados devem ter gritado por seus escravos.
O jovem Alexandre conquistou a Índia
sòzinho? César, vencendo os gauleses,
não levaria consigo ao menos um cozinheiro?
Chorou Felipe de Espanha quando sua esquadra foi

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, P-31

31

A cada página, um grande feito.
Quem cozinhava o banquete?
De dez em dez anos, um grande homem.
Quem pagava as despezas?

Tantas histórias,
quantas perguntas.

AOS VACILANTES

Tu dizes:
A nossa causa vai mal,
a treva aumenta, as fôrças diminuem,
agora que já labutamos tantos anos
estamos em condições piores que as do princípio.
Pois o inimigo fica cada vez mais forte,
suas fôrças parecem ter crescido; êle tem aparência de invencível.
Demais, nós temos cometido erros; isso já não se pode mais negar.
O número dos nossos diminui.
Nossas senhas soam fora de ordem. Em parte, as nossas palavras
tem sido torcidas pelo inimigo até ficarem irreconhecíveis.
Que é falso, agora, do que temos dito?
Alguma coisa? Ou tudo?
Com quem ainda podemos contar? Seremos nós os restantes,
a ninguém mais entendendo e não sendo entendidos por ninguém?
Precisamos de sorte?

Assim perguntas: não contes
com nenhuma resposta além da tua!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p.32

À NOTÍCIA DA DOENÇA DUM PODEROSO ESTADISTA

Se franze a testa o homem insubstituível,
vacilam dois universais impérios.
Se o homem insubstituível morre,
o mundo mira em redor qual pobre mãe sem leite para o filho.
Se o homem insubstituível voltasse, uma semana depois de sua morte,
não se acharia para êle, em todo o império, nem sequer uma vaga de
porteiro.

ORGULHO

Quando o soldado americano me falou
de como as bem nutridas filhas da burguesia
podiam ser compradas por cigarros
e as filhas da pequena-burguesia por chocolate,
e que as russas, embora esfomeadas pelo trabalho escravo,
não se vendiam,
feriu no meu orgulho.

não houve corte a pesar de rescindir

MUITOS SÃO PELA ORDEM

Muitos são pela ordem. Na hora de comer
estendem sôbre a mesa uma toalha, quando têm, ou removem
os farelos do prato com a mão,
quando a mão não está muito cansada.
A mesa dêles, porém, ~~não~~ está como a casa dêles,
num mundo que na imundície vai gradualmente afundando
Ah, limpo o armário dêles há de estar! Mas nos subúrbios
acha-se a fábrica, o moinho de ossos,
a nora ensangüentada da ganância... Ah, de que serve,
com lama até o pescoço, conservar
limpas as unhas nas pontas dos dedos?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p. 33

CANÇÃO DO DRAMATURGO

Sou um dramaturgo: mostro
o que vou vendo. No mercado humano
tenho visto como se negocia a humanidade - isso
mostro eu, o dramaturgo.

Como entram pelas salas uns dos outros portando esquemas
ou bastões de borracha ou com dinheiro,
como é que param nas ruas e esperam,
como uns armam ciladas para os outros,
como gostam de si,
como defendem a presa,
como comem
- eu mostro.

Vejo acercar-se a tempestade de neve,
vejo seguir em frente o terremoto,
vejo a pedra no meio do caminho
e vejo os rios inundando as margens;
mas estas tempestades têm chapéus,
os terremotos têm dinheiro na algibeira,
as pedras são levadas de automóvel
e os rios transbordantes entregues à polícia
- tudo isso eu mostro.

Para saber como expor o que vejo
revejo as encenações de outros povos em diferentes épocas;
tenho adaptado algumas peças justamente
para testar as respectivas técnicas
e gravar o que a mim possa ser útil.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p. 34

DE QUE SERVE A BONDADE

De que serve a bondade
se num instante os bondosos são mortos ou são mortos aquêles
a quem tratavam bondosamente?

De que serve a liberdade
Se os livres hão de viver entre os que livres não são?

De que serve o bom senso,
se só a insensatez proporciona
o alimento de que todos carecem?

Em vez de ser bondosos, só, fazei por onde
instituir-se uma situação que propicie a bondade
e, mais, que a torne supérflua.

Em vez de ser livres, só, fazei por onde
instituir-se uma situação que a todos dê liberdade
e que, o amor à liberdade
torne supérfluo.

Em vez de ser sensatos, só, fazei por onde
instituir-se uma sitação em que seja um mau negócio
a insensatez de um só.

NÃO PRECISO DE PEDRA TUMULAR

Não preciso de pedra tumular, mas,
se para mim fizerdes questão de uma,
gostaria que nela fôsse inscrito:

"Êle deu sugestões,
nós aceitamos."

Com semelhante inscrição ficaríamos
honrados todos nós.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p. 35

11

O PÃO DO POVO

O pão do povo é a justiça.
Escasso às vêzes, abundante às vêzes.
às vêzes tem gosto bom, às vêzes é de mau gôsto.
Quando escasseia o pão, campeia a fome;
quando tem mau gôsto o pão, campeia a insatisfação.

Fora com a má justiça,
cozinhada sem gôsto, amassada sem arte:
justiça sem tempêro de casca pardacenta
ou justiça dormida que vem tarde demais!

Quando o pão é bom e farto,
tudo mais no banquete pode ser dispensado.
Não pode haver a mesma porção de tudo:
com o pão da justiça alimentado,
pode cumprir-se o trabalho
do qual resulta a fartura.

Tão necessária quanto o pão de cada dia,
é necessária a justiça de cada dia:
sim, que ela é necessária várias vêzes por dia.
Desde cedo até tarde, no trabalho como na diversão,
no trabalho que é também diversão,
nos momentos difíceis ou alegres,
o povo necessita do saudável e rico
pão da justiça de cada dia.

Pois, sendo o pão da justiça tão importante,
quem deve, amigos, fazê-lo?
Quem é que faz o outro pão...?

Assim como o outro pão
deve o pão da justiça
ser feito pelo povo
- saudável, abundante, cada dia!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p.36 36

O Festival da Besteira sempre existiu mas de uns tempos para cá, parece que resolveu assolar êsse país... Senão vejamos:

~~É difícil ao historiador precisar o dia em que o Festival de Besteira começou a assolar o país. Pouco depois da "redentora", cocorocas de diversas classes sociais e algumas autoridades que geralmente se dizem "otoridades", sentindo a oportunidade de aparecer, já que a "redentora", entre outras coisas, incentivou a política do dedurismo (corruptela de dedo-durismo, isto é, a arte de apontar com o dedo um colega, um vizinho, o próximo enfim, como corrupto ou subversivo - alguns apontavam dois dedos duros, para ambas as coisas) iniciaram essa feia prática, advindo daí cada besteira que eu vou se contar.~~

? Um time da Alemanha Oriental vinha disputar alguns jogos no Brasil e o Itamarati distribuiu uma nota avisando que os alemães só jogariam se a partida não tivesse cunho político

~~Em Mariana (MG) um delegado de polícia proibiu casais de sentarem juntos na única praça namorável da cidade e baixou portaria dizendo que mêça só poderia ir ao cinema com atestado dos pais.~~ No mesmo Estado, mas em Belo Horizonte, um outro delegado distribuia espiões da polícia pelas arquibancadas dos Estádios porque "daqui para a frente quem disser mais de três palavrões, torcendo pelo seu clube, vai prêso"

Um Secretário de Segurança de Minas Gerais, ~~um cavalheiro chamado José Monteiro de Castro - grande entusiasta do Festival de Besteira~~ - proibia ~~(já que fevereiro ia entrar)~~ que mulher se apresentasse com pernas de fora em bailes carnavalescos " para impedir que apareçam fantasias que ofendam as Fôrças Armadas". Como se perna de mulher alguma vez na vida tivesse ofendido as armas de alguém !

Já era fevereiro quando o diretor de Suprimento em Brasília, proibia a venda de vodca "para combater o comunismo"

Quando se desenhou a perspectiva de uma sêca no interior cearense, as autoridades dirigiram uma circular aos prefeitos, solicitando informações sôbre a situação local depois da passagem do equinócio. Um prefeito enviou a seguinte resposta, à circular: "Doutor Equinócio ainda não passou por aqui. Se chegar será recebido como amigo, com foguetes, passeata e festas".

~~Em Recife, quem tocasse buzina na zona considerada de silêncio, pagava uma multa de Cr$ 200. O deputado estadual Alcides Teixeira sabia disso mas distraiu-se e tocou. Imediatamente apareceu um guarda e multou-o. Alcides deu uma nota de Cr$ 1.000 para pagar os 200 e o guarda informou-o de que não tinha trôco. O deputado quebrou o galho: deu mais 4 buzinadas na Zona de Silêncio, ficou quite com a Justiça e foi embora.~~

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p.37

Em Friburgo, Estado do Rio, capital Niterói, onde o nudismo é coisa de costa, veste mini-saia e usa óculos escuros

~~Um prefeito municipal é que o Festival se esperava com maior descabro~~: o prefeito ~~Tio da Mortalha~~, de Friburgo (RJ) inaugurava um bordel na cidade "para incentivar o turismo".

Sòmente uma outra frase conseguiu rivalizar com esta para gáudio do FEBEAPÁ, ~~[illegible] Magalhães~~: "O que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil"

Segundo Tia Zulmira "o policial é sempre suspeito" e - por isto mesmo - a Polícia do Mato Grosso não é nem mais nem menos brilhante do que as outras polícias. Tanto assim que um delegado de lá, terminou seu relatório sôbre um crime político com estas palavras: "A vítima foi encontrada às margens do Rio Sucuriu, retalhada em 4 pedaços, com os membros separados do tronco, dentro de um saco de aniagem, amarrado e atado a uma pesada pedra. Ao que tudo indica, parece afastada a hipótese de suicídio".

O casamento de ~~[illegible]~~ um sacerdote, político mineiro e matreiro, serviu para ativar debates ~~[illegible]~~ sôbre o celibato dos sacerdotes. O casamento em si foi muito interessante porque o ~~[illegible]~~ sacerdote era um tremendo cara de pau e, quando seu colega que oficiava a cerimônia lhe perguntou se aceitava a noiva como legítima esposa, êle respondeu com postura militar: "Aceito para cumprir um dever para com a Pátria".

Quando a mini saia era lançada no Rio e execrada em Belo Horizonte, um ~~[illegible]~~ Delegado de Costumes (inclusive costumes femininos), declarava aos jornais que prenderia o costureiro francês Pierre Cardin (bicharoca parisiense responsável pelo referido lançamento), caso aparecesse na capital mineira "para dar espetáculos obscenos, com seus vestidos decotados e saias curtas". ~~[illegible]~~. Tôda essa cocorocada iria influenciar um deputado estadual delí - ~~[illegible]~~ - que fêz um discurso na Câmara sôbre o tema "Ninguém levantará a saia da Mulher Mineira".

Manchete do jornal "Correio do Ceará": Todo fumante morre de câncer a não ser que outra doença o mate primeiro."

Um outro político muito culto, ao saudar uma autoridade, ~~[illegible]~~ proferiu uma frase digna de estudos ~~[illegible]~~ de seu Regimento, ~~[illegible]~~ discurso no qual afirmava: "A Revolução de março ~~[illegible]~~ salvou o mundo da XXI Guerra Mundial".

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p. 38

Em Belém do Pará um vereador era o precursor dessa bobagem de proibir mulher em anúncio publicitário. No entanto, quando da proposta do precursor, na Câmara de Vereadores de Belém, um outro edil protestou, afirmando: "mal não reside nas figuras femininas, mas no coração de quem vê nelas o lado imoral". Eu, por exemplo, seria capaz de olhar a foto de minha mãe nua e não sentiria a menor reação".

Em Baurú (SP) o Delegado de Polícia oficiava ao presidente da liga de futebol de lá que não ia enviar mais policiamento para os jogos porque os campos "não oferecem segurança à Polícia".

~~E o mês de junho começava de lassar. No Estado do Rio, o Governador escalado pela "redentora" distribuía através da Agência Fluminense de Informações, uma nota à Imprensa muito bacaninha: "O Govêrno do Estado prestou homenagem póstuma à antiga mestra do grupo escolar de Itapeba, primeiro distrito de Maricá - professôra Cecília Silva - dando seu nome ao estabelecimento de ensino. A conhecida educadora dirige ainda o curso noturno que é ao grupo escolar." Coitada da conhecida educadora. Deve ter virado fantasma.~~

Enquanto isso, o Secretário de Saúde de Brasília, [redacted], concedia uma entrevista sôbre o hospital da L-2 e dizia ao "Correio Brasiliense" : "Logo que seja inaugurado será entregue ao público, recebendo até mesmo doentes que necessitem de cuidados médicos".

"A ARENA, se quiser, pode cassar o meu mandato e fazer dêle supositório para quem estiver precisando".

Um grupo de Teatro Amador da Guanabara ia a Sergipe para encenar "Joana em Flor", de autoria do coleguinha Reinaldo Jardim, [redacted], secretário de segurança, mandou chamar a rapaziada mantendo o elenco prêso por várias horas, proibindo a peça, emitindo opiniões sôbre teatro, citando autores, entre os quais J.G. de Araújo Jorge, não antes de ser soprado pelo ordenança, e disse que todo mundo era subversivo. Depois fêz uma declaração digna de um troféu: "Em Sergipe quem entende de Teatro é a Polícia".

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p-39

35

CARNAVAL PAULISTA

Vamos reproduzir, com o máximo de fidelidade possível, o que foi o carnaval organizado pela Rádio América, de São Paulo, que, sob o patrocínio de Coca-Cola, armou um palanque em pleno asfalto paulista e pôs-se a convocar o povo para brincar. Os caros leitores vagamenses terão uma idéia do episódio, através da transcrição, aqui, das palavras do locutor que comandava a coisa.

"Senhoras e senhores, com um palanque armado especialmente para êste baile público que a Rádio América, de São Paulo, Brasil, transmitirá com exclusividade, estamos iniciando as nossas atividades carnavalescas. Graças ao alto patrocínio de Coca-Cola, o paulista poderá brincar à vontade. (PAUSA) Quem foi que disse que paulista não é carnavalesco ? Quem foi que disse que Coca-Cola não é refrêsco? O paulista também sabe brincar Carnaval, amigo ouvinte. E é por isso que a Rádio América, neste instante, convoca o povo para aqui, para diante dêste palanque, para neste momento (ou melhor dizendo) para dentro de alguns instantes iniciar êste baile público, no qual o povo de São Paulo terá oportunidade de mostrar que também sabe brincar... Coca-Cola pra refrescar, êste palanque para você brincar.... Venha você, meu caro ouvinte, venha para diante do palanque da Rádio América, brincar seu carnaval... Quem foi que disse que paulista não gosta de Carnaval"?

(CONSEGUIU A JUNTAR O POVO)

"Alô, Fulano...dêste lado já estão chegando os primeiros foliões"

"Alô, Beltrano...aqui também já começa o povo a sejuntar para os folguedos momescos...Ouvintes da Rádio América, dentro de poucos minutos, através desta emissora, a transmissão de um estupendo baile carnavalesco, com a alegria espontânea do paulista...É uma lenda esta história de que paulista não sabe brincar carnaval. Paulista gosta de carnaval sim...Venham todos, venham brincar o carnaval". (E FOI CHEGANDO POVO? FOI CHEGANDO POVO)

"Alô, Fulano...providencia aí um policiamento mais efetivo, porque já se faz sentir aqui, adiante do nosso palanque, a urgência de certas contenções...

"Perfeitamente, Beltrano... aqui também o povo invadiu o espaço destinado às danças e está junto ao nosso palanque, ouvindo a nossa transmissão..."

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p. 40

"Exato... Quem foi que disse que o paulista não sabe brincar o Carnaval... E com um gole de Coca-Cola, tá tudo legal... Mas, atenção por favor... O que não está legal é êste ajuntamento aqui diante do nosso palanque.. O senhor aí, por favor... um pouco mais para trás... Assim não é possível, meu caro amigo... Alô, Fulano..."

"O povo invadiu isto aqui, Beltrano...Mas por favor...assim não. Daqui de onde me encontro perdi qualquer contato com a nossa equipe...Isto não pode ser assim... Por favor, senhores...queiram se afastar...Alô, Beltrano...Eu vou ter que encerrar aqui, não há condições de trabalho."

"Nem aqui, Fulano... Infelizmente essa gente não compreende que assim não pode ser..Isto não se faz...Isto é um caso de polícia. A Rádio América não vai mais transmitir coisa nenhuma. Ora...Alô, estúdio."

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p.41

41

CARA OU COROA

Cara - Meu marido é um homem muito regrado, queridinha. Dorme sempre cedo, não fuma e não bebe uma gôta.

Coroa - Pressão arterial.

~~Cara - O jôgo foi pontilhado de incidentes, com jogadas bruscas de ambos os times, chegando os jogadores às agressões mútuas, sob o olhar complacente do árbitro.~~

~~Coroa - Jôgo [illegible].~~

Cara - Tu é bêsta, seu ! A moçada num fizero nada por causa de que faltou fibra, tá? Se é o meu ali êles entrava bem.

Coroa - Rubro-negro.

Cara - Você me encontra às 3 no café e vamos até lá bater um papo com êle. Depois, se você quiser, podemos ir a um cinema qualquer pra fazer hora.

Coroa - Funcionário público.

Cara - Que bobagem. Comemos um sanduíche e pronto, estamos almoçados. Comer em restaurante demora muito.

Coroa - Véspera de pagamento

Cara - Essas bebidas estrangeiras são de morte. É tudo falsificado. A mim é que elas não pegam. Sempre que posso evitar de tomar uísque, ginm e outras bombas, eu evito

Coroa - Cachaceiro.

~~Cara - Meu bem, sou eu... Olha, você vai jantando e não precisa se incomodar de guardar comida para mim. O chefe resolveu adiantar uns processos e eu estou com cerimônia de me mandar e deixá-lo sòzinho na repartição.~~

~~Coroa - Boate.~~

~~Cara - Meu bem, sou eu... Olha, você vai jantando e não precisa se incomodar de guardar comida para mim. O chefe resolveu adiantar aqui uns processos e eu estou com cerimônia de me mandar e deixá-lo sòzinho na repartição.~~

~~Coroa - Boate.~~

Cara - É o cúmulo a importância que os semanários dão a essas mocinhas do Arpoador. Umas sirigaitas muito sem-vergonhas, tirando retrato quase nuas, para essas reportagens frívolas. Eu, hem?

Coroa - Feia.

Cara - O aumento do custo de vida no Brasil é uma consequência

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p. 42

42

(CONTINUAÇÃO)... lógica do desenvolvimento do País, insuflado pelo crescimento da população e outros fenômenos dos quais só podemos nos orgulhar.

Coroa - Ricaço.

Cara - As crianças de hoje devem ser educadas através de métodos da moderna pedagogia, baseados em estudos da psicologia infantil. Na fase atual é um verdadeiro crime os pais gritarem ou baterem nos filhos.

Coroa - Soltáira.

~~Cara - Traço comigo recortes com comentários sôbre as minhas atuações. Gostei imensamente de 14. Eles adoram a bossa nova e eu só não fiquei mais tempo porque senti saudades da nossa terra.~~

~~Coroa - Cantor voltando do estrangeiro.~~

Cara - A beldade em questão é professôra diplomada e relutou muito em aceitar o convite para se candidatar, pois adora o magistério. Lê muito e seu autor favorito é Somerset Maughan, adora poesia e gosta de praia. Não joga, não fuma e não bebe.

Coroa - Candidata a Miss.

~~Cara - Ofício é muito mais lindo do que imaginava. Copacabana é um sonho, [illegible] mil e uma noites que se tornou realidade. O Pão de Açúcar é uma beleza e, quando voltar ao Brasil, gostaria de ir ver Brasília.~~

~~Coroa - Visitante ilustre, no Galeão.~~

Cara - Um dia ainda hei de me dedicar ao lar, sem prejuízo de minha carreira.

Coroa - Dulcina -

~~Coroa - Minha peça é uma sátira aos costumes modernos, pois minha intenção era ser cuma [illegible] mensagem nela contida é o protesto popular contra as injustiças da sociedade.~~

~~Coroa - Autor estrangeiro.~~

Cara - Os compromissos que assumimos para com o povo nos obrigam a combater as fôrças imperialistas, o capital colonizador, os grandes trustes, tôda e qualquer opressão sôbre o operariado e suas justas reivindicações.

Coroa - Deputado da esquerda.

Cara - É nosso dever combater sem tréguas as constantes tentativas de subverter as massas, as sistemáticas infiltrações no meo das classes operárias, os falsos representates do povo, que se arvoram em seus defensores para fins inequívocos.

Coroa - Deputado da direita.

Cara - Tudo faremos pela vitória. Um abraço para os meus familiares.

Coroa - Jogador de futebol.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043 p. 43

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - S.C.D.P

V3

N.º DE REGISTRO 1801/67

TÍTULO DA ~~PEÇA~~: PEÇA: DE BRECHT A STANISLAW PONTE PRETA

~~PROPRIO~~ AUTOR: - BRECHT E SERGIO PORTO

Aprovado pelo S. C. D. P. (§ 1.º do art.º 7.º do Decreto 20.493, de 24/1/46, e Decreto 1.134, de 4-6-62)

IMPROPRIO
ATÉ 18 ANOS

Válido até 13 de OUTUBRO de 19 68

Brasília, 13 de OUTUBRO de 19 67

Chefe do S. C. D. P.
A. ROMERO LAGO

Certificado de Censura Cinematográfica

CERTIFICADO N.º 1801 / 67 BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p. 44

Certifico que, revendo os livros de registro de filmes cinematográficos encontrei sob o n.º 1801 / 67, livro XXXXXXXX, o registro dA XXXX PEÇA denominadA DE BRECHT A STANISLAW PONTE PRETA

XXXXXXXXX PRODUTOR: MILTON CARNEIRO

domiciliado à

XXXXXXXXXXXXXXX AUTOR: BRECHT E SERGIO PORTO

com XXXXXXXXXX metros e 01 cópias, censuradA em 13 de OUTUBRO de 1967.

O Serviço de Censura de Diversões Públicas resolveu que A referidA XXXX PEÇA de acôrdo com XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX O ITEM 7, PARÁGRAFO 1º, DA PORTARIA Nº 11 / 67, FÔSSE LIBERADA PARA REPRESENTAÇÃO COM PROIBI-ÇÃO PARA MENORES ATÉ 18 (DEZOITO) ANOS E PARA TELEVISÃO, ACOMPANHANDO O SCRIPT NUMERADO E RUBRICADAS AS PÁGINAS DE 01 A 23 (1ªPARTE) E 01 A 11 (2ªPARTE).

Brasília, 13 de OUTUBRO de 1967

Maria Reinalda Weitzel

SECRETÁRIO

Departamento de Imprensa Nacional — 21.935

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, P. 45

44

Ilmo. Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do D P F

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
M. J.
APROVO
10 de outubro de 1967

O Mini-Teatro da Guanabara, por seu representante abaixo assinado, vem mui respeitosamente requerer de V.Sa., autorização para apresentação dos espetáculos constantes da programação abaixo, nos dias 10-11-12-13-14 e 15 de outubro corrente, no Teatro Martins Penna.

N. Têrmos
P. Deferimento
Brasília, 10 de outubro de 1967

Milton Carneiro
Mini-Teatro da Guanabara

PROGRAMAÇÃO DOS ESPETÁCULOS:

1ª Parte:-"A Exceção e a Regra" - de Bertold Brecht
Personagens- Comerciante: JAIME BARCELOS
Guia: VINICIUS SALVATORI
Carregador e
mulher do carregador: CECÍLIA FIGUEIREDO
Policial, hoteleiro e juiz: MILTON CARNEIRO

2ª Parte:- Poemas de Bertold Brecht - ditos por Vinicius Salvatori
Crônicas de Sérgio Pôrto - ditas por Milton Carneiro, Jaime Barcelos e Cecília Figueiredo.

Horários-
De 3ª a 6ª feira - 21:00 horas
Sábado - 20:00 e 22:00 horas
Domingo - 18:00 e 21:00 horas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, P-46

Ilmo. Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do D.F.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
M. J.
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
APROVO
10 de outubro de 1967

O Mini-Teatro da Guanabara, por seu representante abaixo assinado, vem mui respeitosamente requerer de V.Sa., autorização para apresentação dos espetáculos constantes da programação abaixo, nos dias 10-11-12-13-14 e 15 de outubro corrente, no Teatro Martins Penna.

N. Têrmos
P. Deferimento
Brasília, 10 de outubro de 1967

Milton Carneiro
Mini-Teatro da Guanabara

PROGRAMAÇÃO DOS ESPETÁCULOS:

1ª Parte:-"A Exceção e a Regra" - de Bertold Brecht
Personagens- Comerciante: JAIME BARCELOS
Guia: VINICIUS SALVATORI
Carregador e
mulher do carregador: CECÍLIA FIGUEIREDO
Policial, hoteleiro e juiz: MILTON CARNEIRO

2ª Parte:- Poemas de Bertold Brecht - ditos por Vinicius Salvatori
Crônicas de Sérgio Pôrto - ditas por Milton Carneiro, Jaime Barcelos e Cecília Figueiredo.

Horários-
De 3ª a 6ª feira - 21:00 horas
Sábado - 20:00 e 22:00 horas
Domingo - 18:00 e 21:00 horas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p.47

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Turma de Censura de Diversões Públicas
SUBDELEGACIA DO R. J.

N.º DE REGISTRO 041-GB TEATRO

TÍTULO DO ~~XXXX~~ DE BRECHT A STANISLAW PONTE PRETA

~~PRODUTOR~~ AUTOR - BRECHT E SERGIO PORTO

Aprovado pelo S. C. D. P. (§ 1.º do art.º 7.º do Decreto 20.493, de 24/1/46, e Decreto 1.134, de 4-6-62)

IMPRÓPRIO PARA MENORES ATE 18 ANOS E PARA TELEVISÃO.

Válido até 01 de JUNHO de 1968

Brasília, 01 de JUNHO de 1967

Chefe do S. C. D. P.
A. ROMERO LAGO

Certificado de Censura Cinematográfica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p.48

CERTIFICADO N.º 041/GB

Certifico que, revendo os livros de registro de ~~filmes cinematográficos~~ PEÇAS TEATRAIS encontrei sob o n.º 041/GB, livro -1-, o registro ~~do filme~~ PEÇA denominado DE BRECHT A STANISLAW PONTE PRETA

~~propriedade de~~ PRODUTOR = MILTON CARNEIRO

domiciliado à

~~produzido pela fábrica~~ AUTOR = BRECHT E SERGIO PORTO

~~com metros e~~ 01 cópias, censurado em 1 de JUNHO de 1967.

O Serviço de Censura de Diversões Públicas resolveu que o referido ~~filme~~ PEÇA de acôrdo com o ~~§ 1.º do art.º 7.º do Decreto 20.493 de 24/1/46, modificado pelo Decreto 37.008 de 8/3/55, fôsse~~ ITEM 7, PARÁGRAFO 1º DA PORTARIA Nº SCDP, Nº 11/67, FÔSSE LIBERADA PARA REPRESENTAÇÃO COM A PROIBIÇÃO PARA MENORES ATÉ 18 ANOS E PARA TELEVISÃO = OS CORTES CONSTANTES DO SCRIPT FORAM FEITOS PELA EMPRÊSA.

ESTADO DA GUANABARA ~~Brasília~~ 1 de JUNHO de 1967

SECRETÁRIO

JOSÉ LEITE OTTATI
CHEFE DA SCF/DR/GB/DPF.

D.P.F. SEÇÃO DE CENSURA FEDERAL Deleg. Regional - GB

Departamento de Imprensa Nacional — 21.935

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, P.49

0 4 1 / G B

PEÇAS TEATRAIS

0 4 1 / G B -1- a PEÇA

a DE BRECHT A STANISLAW PONTE PRETA

PRODUTOR = MILTON CARNEIRO

AUTOR = BRECHT E SERGIO PORTO

01 1 JUNHO 67

a PEÇA

ITEM 7, PARÁGRAFO 1º DA PORTARIA Nº SCDP, Nº 11/67, FÔSSE LIBERADA PARA REPRESENTAÇÃO COM A PROIBIÇÃO PARA MENORES ATÉ 18 ANOS E PARA TELEVISÃO = OS CORTES CONSTANTES DO SCRIPT FORAM FEITOS PELA EMPRÊSA.

ESTADO DA GUANABARA 1 JUNHO 67

JOSÉ LEITE OTTATI
CHEFE DA SCF/DR/GB/DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0043, p.50

041-GB

XXXXDE BRECHT A STANISLAW PONTE PRETA

XXXXXX AUTOR - BRECHT E SERGIO PORTO

IMPROPRIO PARA MENORES ATE 18 ANOS E PARA TE LEVISÃO.

01 JUNHO 68

01 JUNHO 68

A. ROMERO LAGO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0043, P.51
VF

POEMAS DE

BERTOLT BRECHT

TRADUÇÃO DE

GEIR CAMPOS

PARA A PRIMEIRA PARTE DO ESPETÁCULO:

"DE BRECHT A STANISLAW"

MINI TEATRO

Rua Figueiredo Magalhães, 286 - sobreloja.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p.52

ELOGIO DO APRENDIZADO

Aprende o que é mais simples! Para aquêles
cujo momento chegou,
nunca é tarde demais.
Aprende o ABC: não basta, mas
aprende-o! Não desanimes!
Tens de assumir o comando!

Aprende, homem no refúgio!
Aprende, homem na prisão!
Mulher na cozinha, aprende!
Aprende, sexagenário!
Tens de assumir o comando!
Procura a escola, tu que não tens casa!
Cobre-te de saber, tu que tens frio!
Tu, que tens fome, agarra o livro: é uma arma!
Tens de assumir o comando!

Não tenhas mêdo de fazer perguntas:
não te deixes levar por convencido,
vê com teus próprios olhos!
O que não sabes por experiência própria,
a bem dizer, não sabes.
Tira a prova da conta:
és tu quem vai pagar!
Aponta o dedo sôbre cada item,
pergunta: como foi parar aí?
Tens de assumir o comando!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p.53

50

MUDAI O MUNDO, ÊLE ESTÁ PRECISANDO

Junto com quem não haveria de sentar-se o justiceiro
para ajudar a justiça?
Que remédio seria ruim demais
para quem agoniza?
Que baixeza tu não praticarias
para acabar de vez com a baixeza?
Se pudesses, enfim, mudar o mundo,
te julgarias bom demais para isso?
Afinal, quem és tu?
Chafurda na sujeira,
abraça o magarefe,
e muda o mundo - que êle está precisando!

PERGUNTAS DE UM TRABALHADOR QUE LÊ

Quem construiu Tebas de sete portas?
Constam nos livros os nomes dos reis;
terão os reis arrastado os blocos de pedra?
E Babilônia, tantas vêzes arrasada
- quem, tantas vêzes, a reconstruiu?
Em que edifícios da dourada Lima os construtores moravam?
Para onde iam, à noite, os pedreiros, depois de pronta a Muralha da China?
A grande Roma é cheia de arcos de triunfo. Quem os ergueu? Sôbre quem
triunfavam os césares? Teria a tão decantada Bizâncio
só palácios para os seus habitantes? Até na lendária Atlântida,
na noite em que pelo mar foi tragada,
os afogados devem ter gritado por seus escravos.
O jovem Alexandre conquistou a Índia
sòzinho? César, vencendo os gauleses,
não levaria consigo ao menos um cozinheiro?
Chorou Felipe de Espanha quando sua esquadra foi

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, P-54

A cada página, um grande feito.
Quem cozinhava o banquete?
De dez em dez anos, um grande homem.
Quem pagava as despezas?

Tantas histórias,
quantas perguntas.

AOS VACILANTES

Tu dizes:
A nossa causa vai mal;
a treva aumenta, as fôrças diminuem,
agora que já labutamos tantos anos
estamos em condições piores que as do princípio.
Pois o inimigo fica cada vez mais forte,
suas fôrças parecem ter crescido; êle tem aparência de invencível.
Demais, nós temos cometido erros; isso já não se pode mais negar.
O número dos nossos diminui.
Nossas senhas soam fora de ordem. Em parte, as nossas palavras
tem sido torcidas pelo inimigo até ficarem irreconhecíveis.
Que é falso, agora, do que temos dito?
Alguma coisa? Ou tudo?
Com quem ainda podemos contar? Seremos nós os restantes,
a ninguém mais entendendo e não sendo entendidos por ninguém?
Precisamos de sorte?

Assim perguntas: não contes
com nenhuma resposta além da tua!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p. 55

À NOTÍCIA DA DOENÇA DUM PODEROSO ESTADISTA

Se franze a testa o homem insubstituível,
vacilam dois universais impérios.
Se o homem insubstituível morre,
o mundo mira em redor qual pobre mãe sem leite para o filho.
Se o homem insubstituível voltasse, uma semana depois de sua morte,
não se acharia para êle, em todo o império, nem sequer uma vaga de
porteiro.

ORGULHO

Quando o soldado americano me falou
de como as bem nutridas filhas da burguesia
podiam ser compradas por cigarros
e as filhas da pequena-burguesia por chocolate,
e que as russas, embora esfomeadas pelo trabalho escravo,
não se vendiam,
feriu no meu orgulho.

MUITOS SÃO PELA ORDEM

Muitos são pela ordem. Na hora de comer
estendem sôbre a mesa uma toalha, quando têm, ou removem
os farelos do prato com a mão,
quando a mão não está muito cansada.
A mesa dêles, porém, não está como a casa dêles,
num mundo que na imundície vai gradualmente afundando
Ah, limpo o armário dêles há de estar! Mas nos subúrbios
acha-se a fábrica, o moinho de ossos,
a nora ensangüentada da ganância... Ah, de que serve,
com lama até o pescoço, conservar
limpas as unhas nas pontas dos dedos?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0043, p.56

53

CANÇÃO DO DRAMATURGO

Sou um dramaturgo: mostro
o que vou vendo. No mercado humano
tenho visto como se negocia a humanidade - isso
mostro eu, o dramaturgo.

Como entram pelas salas uns dos outros portando esquemas
ou bastões de borracha ou com dinheiro,
como é que param nas ruas e esperam,
como uns armam ciladas para os outros,
como gostam de si,
como defendem a prêsa,
como comem
- eu mostro.

Vejo acercar-se a tempestade de neve,
vejo seguir em frente o terremoto,
vejo a pedra no meio do caminho
e vejo os rios inundando as margens;
mas estas tempestades têm chapéus,
os terremotos têm dinheiro na algibeira,
as pedras são levadas de automóvel
e os rios transbordantes entregues à polícia
- tudo isso eu mostro.

Para saber como expor o que vejo
revejo as encenações de outros povos em diferentes épocas;
tenho adaptado algumas peças justamente
para testar as respectivas técnicas
e gravar o que a mim possa ser útil.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p.57

54

DE QUE SERVE A BONDADE

De que serve a bondade
se num instante os bondosos são mortos ou são mortos aquêles
a quem tratavam bondosamente?

De que serve a liberdade
Se os livres hão de viver entre os que livres não são?

De que serve o bom senso,
se só a insensatez proporciona
o alimento de que todos carecem?

Em vez de ser bondosos, só, fazei por onde
instituir-se uma situação que propicie a bondade
e, mais, que a torne supérflua.

Em vez de ser livres, só, fazei por onde
instituir-se uma situação que a todos dê liberdade
e que, o amor à liberdade
torne supérfluo.

Em vez de ser sensatos, só, fazei por onde
instituir-se uma sitação em que seja um mau negócio
a insensatez de um só.

NÃO PRECISO DE PEDRA TUMULAR

Não preciso de pedra tumular, mas,
se para mim fizerdes questão de uma,
gostaria que nela fôsse inscrito:

"Êle deu sugestões,
nós aceitamos."

Com semelhante inscrição ficaríamos
honrados todos nós.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, P.58

55

O PÃO DO POVO

O pão do povo é a justiça.
Escasso às vêzes, abundante às vêzes,
às vêzes tem gosto bom, às vêzes é de mau gôsto.
Quando escasseia o pão, campeia a fome;
quando tem mau gôsto o pão, campeia a insatisfação.

Fora com a má justiça,
cozinhada sem gôsto, amassada sem arte:
justiça sem tempêro de casca pardacenta
ou justiça dormida que vem tarde demais!

Quando o pão é bom e farto,
tudo mais no banquete pode ser dispensado.
Não pode haver a mesma porção de tudo:
com o pão da justiça alimentado,
pode cumprir-se o trabalho
do qual resulta a fartura.

Tão necessária quanto o pão de cada dia,
é necessária a justiça de cada dia:
sim, que ela é necessária várias vêzes por dia.
Desde cedo até tarde, no trabalho como na diversão,
no trabalho que é também diversão,
nos momentos difíceis ou alegres,
o povo necessita do saudável e rico
pão da justiça de cada dia.

Pois, sendo o pão da justiça tão importante,
quem deve, amigos, fazê-lo?
Quem é que faz o outro pão...?

Assim como o outro pão
deve o pão da justiça
ser feito pelo povo
- saudável, abundante, cada dia!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p. 59

56

O Festival da Besteira sempre existiu mas de uns tempos para cá, parece que resolveu assolar êsse país... Senão vejamos

~~É difícil ao historiador precisar o dia em que o Festival de Besteira começou a assolar o país. Pouco depois da "redentora", cocorocas de diversas classes sociais e algumas autoridades que geralmente se dizem "otoridades", sentindo a oportunidade de aparecer, já que a "redentora", entre outras coisas, incentivou a política do dedurismo (corruptela de dedo-durismo, isto é, a arte de apontar com o dedo um colega, um vizinho, o próximo enfim, como corrupto ou subversivo - alguns apontavam dois dedos duros, para ambas as coisas) iniciaram essa feia prática, advindo daí cada besteira que eu vou se contar.~~

Um time da Alemanha Oriental vinha disputar alguns jogos no Brasil e o Itamarati distribuiu uma nota avisando que os alemães só jogariam se a partida não tivesse cunho político

~~Em Mariana (MG) um delegado de polícia proibiu casais de sentarem juntos na única praça namorável da cidade e baixou portaria dizendo que môça só poderia ir ao cinema com atestado dos pais.~~ No mesmo Estado, mas em Belo Horizonte, um outro delegado distribuia espiões da polícia pelas arquibancadas dos Estádios porque "daqui para a frente quem disser mais de três palavrões, torcendo pelo seu clube, vai prêso"

O Secretário de Segurança de Minas Gerais, ~~um [illegible] chamado José Monteiro de Castro - grande entusiasta do Festival de Besteira~~ - proibia ~~(já que fevereiro ia entrar)~~ que mulher se apresentasse com pernas de fora em bailes carnavalescos " para impedir que apareçam fantasias que ofendam as Fôrças Armadas". Como se perna de mulher alguma vez na vida tivesse ofendido as armas de alguém !

Já era fevereiro quando o diretor de Suprimento em Brasília, proibia a venda de vodca "para combater o comunismo"

Quando se desenhou a perspectiva de uma sêca no interior cearense, as autoridades dirigiram uma circular aos prefeitos, solicitando informações sôbre a situação local depois da passagem do equinócio. Um prefeito enviou a seguinte resposta, à circular: "Doutor Equinócio ainda não passou por aqui. Se chegar será recebido como amigo, com foguetes, passeata e festas".

~~Em Recife, quem tocasse buzina na zona considerada de silêncio, pagava uma multa de Cr$ 200. O deputado estadual Alcides Teixeira sabia disso mas distraiu-se e tocou. Imediatamente apareceu um guarda e multou-o. Alcides deu uma nota de Cr$ 1.000 para pagar os 200 e o guarda informou-o de que não tinha trôco. O deputado quebrou o galho: deu mais 4 buzinadas na Zona de Silêncio, ficou quite com a Justiça e foi embora.~~

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p.60

5+

~~Nas prefeituras municipais é que o Festival se espraiava com maior desembaraço~~: o prefeito [redacted], de Friburgo (RJ) inaugurava um bordel na cidade "para incentivar o turismo".

Sòmente uma outra frase conseguiu rivalizar com esta para gáudio do FEBEAPÁ, ~~[redacted]~~ "O que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil"

Segundo Tia Zulmira "o policial é sempre suspeito" e - por isto mesmo - a Polícia do Mato Grosso não é nem mais nem menos brilhante do que as outras polícias. Tanto assim que um delegado de lá, terminou seu relatório sôbre um crime políticol com estas palavras: "A vítima foi encontrada às margens do Rio Sucuriu, retalhada em 4 pedaços, com os membros separados do tronco, dentro de um saco de aniagem, amarrado e atado a uma pesada pedra. Ao que tudo indica, parece afastada a hipótese de suicídio".

O casamento de um sacerdote ~~[redacted]~~, político mineiro e matreiro, s servia para ativar debates dos maiscocorocas sôbre o celibato dos sacerdotes. O casamento em si foi muito interessante porque o sacerdote ~~[redacted]~~ era um tremendo cara de pau e, quando seu colega que oficiava a cerimônia lhe perguntou se aceitava a noiva como legítima espôsa, respondeu com postura militar: "Aceito para cumprir um dever para com a Pátria".

Quando A mini saia era lançada no Rio e execrada em Belo Horizônte, um ~~[redacted]~~ Delegado de Costumes (inclusive costumes femininos), declarava aos jornais que prenderia o costureiro fracês Pierre Cardin (bicharoca pariciense responsável pelo referido lançamento), caso aparecesse na capital mineira "para dar espetáculos obscenos, com seus vestidos decotados e saias curtas". ~~[redacted]~~. Tôda essa cocorocada iria influenciar um deputado estadual delá - ~~[redacted]~~ - que fêz um discurso na Câmara sôbre o tema "Ninguém levantará a saia da Mulher Mineira".

Manchete do jornal "Correio do Ceará": Todo fumante morre de câncer a não ser que outra doença o mate primeiro."

Um outro político muito conhecido ~~[redacted]~~ ao saudar uma autoridade ~~[redacted]~~, fêz um discurso no qual afirmava: "A Revolução de março ~~[redacted]~~ salvou o mundo da III Guerra Mundial".

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 6043, p.61
58

Em Belém do Pará um vereador era o precursor dessa bobagem de proibir mulher em anúncio publicitário. No entanto, quando da proposta do precursor, na Câmara de Vereadores de Belém, um outro edil protestou, afirmando: "O mal não reside nas figuras femininas, mas no coração de quem vê nelas o lado imoral". Eu, por exemplo, seria capaz de olhar a foto de minha mãe nua e não sentiria a menor reação".

Em Baurú (SP) o Delegado de Polícia oficiava ao presidente da liga de futebol de lá que não ia enviar mais policiamento para os jogos porque os campos "não oferecem segurança à Polícia".

E o mês de junho começava de lascar. No Estado do Rio, o Governador escalado pela "redentora" distribuía através da Agência Fluminense de Informações, uma nota à Imprensa muito bacaninha: "O Govêrno do Estado prestou homenagem póstuma à antiga mestra do grupo escolar de Itaoca, primeiro distrito de Maricá - professôra Cacilda Silva - dando seu nome ao estabelecimento de ensino. A conhecida educadora dirige ainda o curso noturno anexo ao grupo escolar." Coitada da conhecida [redacted] deve ter virado fantasma.

Enquanto isso, o Secretário de Saúde de Brasília, [redacted], concedia uma entrevista sôbre o hospital da L-2 e dizia ao "Correio Brasiliense" : "Logo que seja inaugurado será entregue ao público, recebendo até mesmo doentes que necessitem de cuidados médicos".

"A ARENA, se quiser, pode cassar o meu mandato e fazer dêle supositório para quem estiver precisando".

Um grupo de Teatro Amador da Guanabara ia a Sergipe para encenar "Joana em Flor", de autoria do coleguinha Reinaldo Jardim, [redacted], secretário de segurança, mandou chamar a rapaziada mantendo o elenco prêso por várias horas, proibindo a peça, emitindo opiniões sôbre teatro, citando autores, entre os quais J.G. de Araújo Jorge, não antes de ser soprado pelo oriennança, e disse que todo mundo era subversivo. Depois fêz uma declaração digna de um troféu: "Em Sergipe quem entende de Teatro é a Polícia".

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p.62

59

CARNAVAL PAULISTA

Vamos reproduzir, com o máximo de fidelidade possível, o que foi o carnaval organizado pela Rádio América, de São Paulo, que, sob o patrocínio da Coca-Cola, armou um palanque em pleno asfalto paulista e pôs-se a convocar o povo para brincar. Os caros leitores maçanenses terão uma idéia do episódio, através da transcrição, aqui, das palavras do locutor que comandava a coisa.

"Senhoras e senhores, com um palanque armado especialmente para êste baile público que a Rádio América, de São Paulo, Brasil, transmitirá com exclusividade, estamos iniciando as nossas atividades carnavalescas. Graças ao alto patrocínio de Coca-Cola, o paulista poderá brincar à vontade. (PAUSA) Quem foi que disse que paulista não é carnavalesco ? Quem foi que disse que Coca-Cola não é refrêsco? O paulista também sabe brincar Carnaval, amigo ouvinte. E é por isso que a Rádio América, neste instante, convoca o povo para aqui, para diante dêste palanque, para neste momento (ou melhor dizendo) para dentro de alguns instantes iniciar êste baile público, no qual o povo de São Paulo terá oportunidade de mostrar que também sabe brincar... Coca-Cola pra refrescar, êste palanque para você brincar.... Venha você, meu caro ouvinte, venha para diante do palanque da Rádio América, brincar seu carnaval... Quem foi que disse que paulista não gosta de Carnaval"?

(COMEÇOU A JUNTAR O POVO)

"Alô, Fulano...dêste lado já estão chegando os primeiros foliões"

"Alô, Beltrano...aqui também já começa o povo a ajuntar para os folguedos momescos...Ouvintes da Rádio América, dentro de poucos minutos, através desta emissora, a transmissão de um estupendo baile carnavalesco, com a alegria espontânea do paulista...É uma lenda esta história de que paulista não sabe bricar carnaval. Paulista gosta de carnaval sim...Venham todos, venham brincar o carnaval". (E FOI CHEGANDO POVO? FOI CHEGANDO POVO)

"Alô, Fulano...providencia aí um policiamento mais efetivo, porque já se faz sentir aqui, adiante do nosso palanque, a urgência de certas contenções..."

"Perfeitamente, Beltrano... aqui também o povo invadiu o espaço destinado às danças e está junto ao nosso palanque, ouvindo a nossa transmissão..."

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, f.63

"Êxato... uem foi que disse que o paulista não sabe brincar o Carnaval... E com um gole de Coca-Cola, tá tudo legal... Mas, atenção por favor... O que não está legal é êste ajuntamento aqui diante do nosso palanque.. O senhor aí, por favor... um pouco mais para trás... Assim não é possível, meu caro amigo... Alô, Fulano..."

"O povo invadiu isto aqui, Beltrano...Mas por favor...assim não. Daqui de onde me encontro perdi qual uer contato com a nossa equipe...Isto não pode ser assim... Por favor, senhores...queiram se afastar...Alô, Beltrano...Eu vou ter que encerrar aqui, não há condições de trabalho. "

"Nem aqui, Fulano... Infelismente essa gente não compreende que assim não pode ser...Isto não se faz...Isto é um caso de polícia. A Rádio América não vai mais transmitir coisa nenhuma. Cm...Alô, estúdio."

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p-64
61

CARA OU COROA

Cara - Meu marido é um homem muito regrado, queridinha. Dorme sempre cedo, não fuma e não bebe uma gôta.

Coroa - Pressão arterial.

~~Cara - O jôgo foi pontilhado de incidentes, com jogadas bruscas de ambos os times, chegando os jogadores às agressões mútuas, sob o olhar complacente do árbitro.~~

~~Coroa - Jôgo [illegible].~~

Cara - Tu é bêsta, seu ! A moçada num fizero nada por causa de que faltou fibra, tá? Se é o meu ali êles entrava bem.

Coroa - Rubro-negro.

Cara - Você me encontra às 3 no café e vamos até lá bater um papo com êle. Depois, se você quiser, podemos ir a um cinema qualquer pra fazer hora.

Coroa - Funcionário público.

Cara - Que bobagem. Comemos um sanduíche e pronto, estamos almoçados. Comer em restaurante demora muito.

Coroa - Véspera de pagamento

Cara - Essas bebidas estrangeiras são de morte. É tudo falsificado. A mim é que elas não pegam. Sempre que posso evitar de tomar uísque, ginm e outras bombas, eu evito

Coroa - Cachaceiro.

~~Cara - Meu bem, sou eu... Olha, você vai jantando e não precisa se incomodar de guardar comida para mim. O chefe resolveu adiantar uns processos e eu estou com cerimônia de me mandar e deixá-lo sòzinho na repartição.~~

~~Coroa - Boata.~~

~~Cara - Meu bem, sou eu... Olha, você vai jantando e não precisa se incomodar de guardar comida para mim. O chefe resolveu adiantar aqui uns processos e eu estou com cerimônia de me mandar e deixá-lo sòzinho na repartição.~~

~~Coroa - Boata.~~

Cara - É o cúmulo a importância que os semanários dão a essas mocinhas do Arpoador. Umas sirigaitas muito sem-vergonhas, tirando retrato quase nuas, para essas reportagens frívolas. Eu, hem?

Coroa - Feia.

Cara - O aumento do custo de vida no Bra- é uma consequência

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p. 65

62

(CONTINUAÇÃO)... lógica do desenvolvimento do País, insuflado pelo crescimento da população e outros fenômenos dos quais só podemos nos orgulhar.

Coroa - Rico.

Cara - As crianças de hoje devem ser educadas através de métodos da moderna pedagogia, baseados em estudos de psicologia infantil. Na fase atual é um verdadeiro crime os pais gritarem ou baterem nos filhos.

Coroa - Soltéira.

~~Cara - Trabalho recente com estatísticas sôbre as cirroses [illegible] estar irmanado de lá. Pelo adoro a beber nova e eu só não fiquei mais [illegible] porque é muito cedo.~~

~~Coroa - Autor voltando do estrangeiro.~~

~~Cara - Bolada em questão~~ Sou professôra diplomada e relutou muito em aceitar o convite para se candidatar, pois adora o magistério. Lê muito e seu ator favorito é Somerset Maughan, adora poesia e gosta de praia. Não joga, não fuma e não bebe.

Coroa - Candidata a Miss.

~~Cara - O Rio é muito mais lindo do que imaginava. Copacabana é [illegible] uma noite que se tornou realidade. O Pão de Açúcar é uma beleza e, quando voltar ao Natal, gostaria de ir ver Brasília.~~

~~Coroa - Vitorioso Flu[illegible], no Maracanã.~~

Cara - Um dia ainda hei de me dedicar ao lar, sem prejuízo de minha carreira.

Coroa - Atriz.

~~Cara - Minha peça é uma sátira aos costumes modernos~~, pois minha intenção era dar cunho social à trama. A mensagem nela contida é o protesto popular contra as injustiças da sociedade.

Coroa - Autor estreante.

Cara - Os compromissos que assumimos para com o povo nos obrigam a combater as fôrças imperialistas, o capital colonizador, os grandes trustes, tôda e qualquer opressão sôbre o operariado e suas justas reivindicações.

Coroa - Deputado da esquerda.

Cara - É nosso dever combater sem tréguas as constantes tentativas de subverter as massas, as sistemáticas infiltrações no seio das classes armadas, os falsos representantes do povo, que se arvoram em seus defensores para fins inconfessáveis.

Coroa - Deputado da direita.

Cara - Tudo faremos pela vitória. Um abraço para os meus familiares.

Coroa - Jogador de futebol.

Reconhecida como de Utilidade Pública pelo Decreto n. 4.892, de 4 de agôsto — de 1920. —

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores, — de Paris. —

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, X-66

63

Direitos de Representação Autorização Nº 139755

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: O FESTIVAL DA BESTEIRA que ASSOLA O PAIS"

Original de BRECHT e STANISLAU P. Ponta

Música de varias -

Tradução de —

No Teatro Martins Pena Cidade Brasilia

Emprêsa MILTON CARNEIRO Pela Cia. MINI Teatro -

nos dias 10 a 15 Outubro 1967

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de 14 1/2% quatorze e meio por cento da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ [illegible] por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Brasília, 10 de Outubro de 195 67

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Edmann
(pela SBAT)

Isenta de sêlo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043 IP-67

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama ,comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legìtimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes do sautores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, runiões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, P.68

64

M. J. — DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

AUTORIZAÇÃO

Autorizo, em caráter excepcional, a apresentação da peça -"O FESTIVAL DE BESTEIRAS QUE ASSOLA O PAÍS"- de Brecht e Stanislaw Ponte Preta, no Teatro Nacional, pelo Mini-Teatro da Guanabara, para os dias 1o-11-12-13-14 e 15 de outubro corrente, recomendando a devolução do script com as restrições sugeridas, a fim de ser expedido o competente Certificado, com validade para todo o Território Nacional.

Brasília DF, 10 de outubro de 1967

A. ROMEIRO LAGO
Chefe do SCDP

Milton Carneiro

c-1901 Recebi o Certificado nº 1801/67 -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, P.69 1-2ap.
65

IIª PARTE

DE BRECHT A STANISLAW PONTE PRETA

INTÉRPRETES { Milton Carneiro, Jaime Barcellos, Cecilia Fiqueiredo, Vinicius Salvotori

---

CANÇÃO DO DRAMATURGO e CANÇÃO DO HUMORISTA

X

Sou um dramaturgo: mostro
o que vou vendo. No mercado humano
tenho visto como se negocia a humanidade. Isso
mostro eu o dramaturgo.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - S.C.D.P

X

Eu sou um humorista - Rio
do que estou vendo. Dessa fofoca humana
vou tirando o meu pão e quando o pão fica duro
eu faço torrada e continuo achando graça,
pois o humorista sou eu

X

Como entram pelas salas uns dos outros portando esquemas
ou bastões de borracha ou com dinheiro
como é que param nas ruas e esperam
como uns armam ciladas para os outros
como gostam de si
como defendem a presa, como comem - eu mostro

X

Como não achar graça no grã-fino que passa orgulhoso do
brilhante ou dos brilhantes que a mulher ganhou para
ornamentar os chifres do marido?
AH↑|| como é calhorda o politico discursando
o patrão ordenando, o amante ponderando
e se conclusões eu tiro elas de nada me servem
e então eu rio.

X

Vejo acercar-se a tempestade de nevem
vejo seguir em frente o terremoto,
vejo a pedra no meio do caminho
e vejo os rios inundando as margens,
mas estas tempestades têm ~~dinheiro~~ chapéus
os terremotos têm dinheiro na algibeira
as pedras são levadas de automóvel
e os rios transbordantes entregues à polícia
- tudo isso eu mostro,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p. 70 66 2-2-1

X

Vejo a gorda que passa com dignidade de vaca
assisto a exaltação do mediocre e as tremendas
dificuldades dos poderosos para não explicar o óbvio
Admiro a feiura do estadista e seu esforço em prol de si
Sinto o drama do careca que usa chapéu |mesmO
e da despeitada que usa sutien de borracha
tudo isso eu vejo e de tudo eu rio.

X

Para saber como expor o que vejo
revejo encenações de outros povos ~~enmd~~ em diferenrentes
tenho adptado algumas peças justamente |épocas
para testar as respectivas tecnicas
e gravar o que a mim possa ser útil.

X

Para rir do que vejo evoco o ridículo
relembro momentos históricos de diferentes épocas
tenho tentado ficar sério e compreender os poderosos
e descubro que êles só são sinceros quando vão ao banheiro
Não, a justiça é cega, como se não bastasse agora
ela está usando balança de feirante.

X

=

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - S.C.D.P

O PÃO DO POVO

O pão do povo é a justiça
escasso as vezes, abundante as vezes
às vezes tem gosto bom, às vezes é de mau gosto
Quando escasseia o pão, campeia a fome;
Quando tem mau gosto o pão, campeia a insatisfação

X

Fora com a má justiça,
cozinhada sem gosto, amassada sem arte;
justiça sem tempêro de casca pardacenta
ou a justiça dormida que vem tarde demais|

X

Quando o pão é bom e farto
tudo o mais no banquete pode ser dispensado
não pode haver a mesma porção de tudo;
com o pão da justiça alimentada,
pode cumprir-se o trabalho, do qual resulta a fartura.

X

Tão necessário quanto o pão de cada dia,
é necessária a justiça de cada dia?
sim, que ela é necessária várias vezes por dia

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0043, p.71

nos momentos difíceis ou alegres,
o povo necessita do saudavel e rico
pão da justiça de cada dia.

X

Pois sendo o pão da justiça tãoimportante,
quem deve, amigos, faze-lo?
Quem é que faz o outro pão...?

X

Assim como o outro pão
deves pão da justiça ser feito pelo povo
- saudável, abundante, cada dia|

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - S.C.D.P

==========

CARNAVAL PAULISTA

Alô| Alô| Senhoras e senhores diretamente deste palanque armado em praça pública que a radio America de São Paulo, Brasil, transmitirá com exclusifidade, estamos iniciando as nossas ~~transmissões~~ atividades carnavalescas. Graças ao alto patrocinio de Coca-Cola, o paulista poderá brincar a vontade. Quem Foi que disse que paulista não é carnavalesco? Quem foi que disse que pa Coca-Cola não é refresco? O paulista também sabe brincar carnaval amigo ouvinte, e dentro de alguns instantes iniciar êste baile público, no qual o povo de São Paulo terá oportunidade de mostrar que também sabe brincar... ~~Venha você~~ Coca-Cola pra refrescar, êste palanque para vocêê brincar... Venha você meu caro ouvinte, venha para diante do palanque da rádio Américam brincar o seu carnaval ? Fala Rascunho.
"Alô Canarinho... dêste lado também já estam chegando os primeiros foliões2
"Alô Rascunho... aqui também já começa o povo a se juntar para os folquedos momescos... Quem foi que disse que Coca-Cola não é refresco. Quem foi que disse que paulista não é carnavalesco... è uma lenda esta história que paulista não gosta de carnaval. Paulista gosta de carnaval sim... Venham todos, venham brincar o carnaval..
Alô canarinho..l providencie aí um policiamente mais efetivo, porque aqui o negócio já está engrossando...
Perfeitamente Rascunho... aqui também o povo já invadiu o espaço destinado às danças e está junto ao nosso palanque, ouvindo a nossa transmissão,,,
Sai pra lá sua besta. Quem foi que disse que paulista não é carnavalesco. O senhor aí, por favor... um pouco mais para tras... Assim não é possivel meu caro amigo... A Srª que fazer o favor de descer... Radio America Chamando Radio Patrulha.
O povo invadiu isto aqui rascunho... mas por favor... assim não. Daqui de onde me encontro perdi qualquer contato com a nossa equipe... isto não pode ser assim, Chega prá lá, vá pró inferno. perdi o contato com a equipe... isso é ~~caso de polícia~~ caso de polícia. A Rádio América não vai trans-
[illegible] nenhuma. Ora alô estúdio.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p. 72

DE QUE SERVE A BONDADE

De que serve a bondade
se num instante os bondosos são mortos ou são mortos aqueles
a quem se tratavam bondosamente.

X

De que serve a liberdade
se os livres hão de viver entre os que livres não são?
De que serve o bom senso,
se só a insensatez proporciona
o alimento de que todos carecem

X

Em vez de ser bondosos só, fazei por onde
instituir-se uma situação que propicie a bondade
e, mais, que a torne supérflua.

X

em vez de ser livres, só, fazei por onde
instituir-se uma situação que a todos dê liberdade
e que, o amor a liberdade,
torne supérfluo.

X

Em vez de ser sensatos, só, fazei por onde
instituir-se uma situação em que sejam um mau negócio
a insensatez de um só,

AS ÚLTIMAS DO STANISLAW

É A ATUAL conjuntura meus amiguinhos. Antigamente quem não ajudava não servia. Hoje quem não atrapalha já ajuda... O Bertoldinho aí está com toda a razão é de que serve o bom senso... Vocês ouviram... No dia que eu descobri essa verdade fiquei tão besta, + tão besta, que só não fiquei besta até hoje porque eu tenho muita fôrça de vontade... As últimas do stanislaw -

1ª - Galo que se apaixona por uma só galinha prejudica a criação.

2ª - O cara era tão complexado, tão complexado que quando se olhava no espelho não via minquém.

3ª - Em terra de gigante anão é troco.

4ª - ~~Joquei~~ Em festa de ~~urubu~~ passarinho urubú é leão de chácara

5ª - Joquéi Club é um lugar onde os cavalos correm e os burros apostam.

6ª - O Sujeito era tão pobre, + tão pobre que só chamava mendigo de excelência...

7ª - O Que seria do dôce de côco se não fosse o acento circun-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p. 73

5-2ª p.

À NOTICIA DA DOENÇA DUM PODEROSO ESTADISTA

Se franse a testa o homem insubstituível,
vacilam dois universais imperios.
Se o homem insubstituível morre,
o mundo mira em redor qual pobre mãe sem leite para o filho
se o homem insubstituível voltasse, uma semana depois de sua morte
não se acharia para êle, em todo império,
nem sequer uma vaga de porteiro.

==========

CARA OU COROA

É por isso que os homens insubstituíveis do Brasil criaram o recesso remunerado.

1º - Cara - Meu marido é um homem muito regrado, queridinha. Dorme sempre cedo, não fuma e não bebe uma gôta.

Coroa- PRESSÃO ARTERIAL.

2º - Cara - Tú é bêsta, seu | A moçada num fizera nada por causa que faltou fibra, tá? Se é o meu ali êles entravam bem.

Coroa - RUBRO=NEGRO.

3º - Cara - Você me encontra as 3 no café e vamos até lábater um papo com êle. Depois, se você quizer, podemos ir até um cinema qualquer prá fazer hóra.

Coroa - FUNCIONARIO PUBLICO.

4º - Cara - É o cúmulo a importância que os seminários dão a essas mocinhas do Arpoador. Umas sirigaitas muito sem-vergonhas, tirando retrato quase nuas, para essas reportagens frívolas. Em Heim?

Coroa - FEIA.

5º - Cara - Que bobagem . Comemos um sanduiche e pronto, estamos almoçados. Comer em restaurante demora muito.

Coroa - VÉSPERA DE PAGAMENTO.

6º - Cara- Essas bebidas estrangeiras são de mortes. É tudo falsificado. A mim é que elas não pegam . Sempre que posso evitar de tomar uísque, ou gim e outras bombas, eu evito.

Coroa- CACHACEIRO.

7º - Cara- Sou professôra diplomada e relutei muito em aceitar o convite para se candidatar, pois adoro o magistério. Leio muitíssimo, meu autor preferido é Somerset Maughan, adoro poesia e ama a praia. não

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p. 74
70
6-2ª p.

Coroa - CANDIDATA A MISS.

8º - Cara - O aumento do custo de vida no Brasil é uma consequência lógica do desenvolvimento do País, insuflado pelo crescimento da população e outros fenômemos dos quais só podemos nos orgulhar.

Coroa - RICO.

9º -Cara - As crianças de hoje devem ser educadas através de métodos da moderna pedagogia, baseados em estudos da psicologia infantil. Na fase atual é um verdadeiro crime os pais gritarem ou baterem nos filhos.

Coroa - SOLTEIRA.

10º -Cara - Os compromissos que assumimos com o povo nos obrigam a combater as fôrças imperialista, o capital colonizador, os grandes trustes, toda e qualquer opressão sôbre o operariado e suas justas reivindicações.

Coroa - DEPUTADO DA ESQUERDA.

11º - Cara - É nosso dever combater sem treguas as constantes tentativas de subverter as massas, as sistemáticas infiltrações no meo das classes e erárias, os falsos representantes do povo, que se arvoram em seus defensores para fins inequívocos.

Coroa - DEPUTADO DA DIREITA.

12º - Cara - Um dia ainda hei de me dedicar ao lar, sem prejuízo de minha carreira.

Coroa - ATRIZ.

13º - Cara - Tudo faremos para a vitória. Um abraço para os meus familiares.

Coroa- JOGADOR DE FUTEBOL.

==========

MUITOS SÃO PELA ORDEM

Muitos são pela ordem. Na hora de comer
estendem sôbre a mesa uma toalha, quando têm, ou removem
os farelos do prato com a mão
quando a mão não está muito cansada.
A mesa dêles, porém, está como a casa dêles,
num mundo que a imundice vai gradualmente afundando
AH| limpo o armário dêles há de estar| mas nos subúrbios
acha-se a fábrica , o moinho de ossos,
a nora ensaguentada da ganância... AH| de que serve,
com lama até o pescoço, conservar
limpas as unhas nas pontas dos dedos?

==========

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p. 75

ALÔ | ALÔ | BESTEIRA

Não, ordem nós temos, pode não haver muito progresso mas ordem nós temos, tanto assim que o I.A.P.I. ... Não sei se vocês sabem que I.A.P.I. é Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriarios Não, porque tem muito industriario que não sabe que o I.A.P.I. existe mas êle existe. Tanto existe que o diretor do Departamento de Adminstração [redacted] do I.A.P.I. baixou uma circular para manter a ordem no - uso dos telefones dentro da repartição. É uma circular tão bacaninha + tão bacaninha que eu resolvi quardar um exemplar:

1º - Colocar o dedo no orificio correspondente ao algarismo do numero que se vai chamar.

2º - Fazer girar o disco para a direita, até encontrar o gancho de parada. Assim que encontrar o gancho para. Tem - que parar de qualquer geito, deixando este voltar por si mesmo à posição normal,

3º - Proceder do mesmo modo para discar, um a um, os demais algarismos do numero desejado.

4º - Não acelerar, mas também não retardar a volta do disco à sua posição normal, deixando o gancho sem qualquer - movimento enquanto estiver falando ou discando. Os setores que registrarem defeitos nos seus telefones deverão chamar a atenção dos respectivos servidores para que observem, fielmente, as instruções contidas neste ato especialmente quanto à Maneira de discar.

... Vejam vocês... Nunca pensei que o dedo no orificio desse circular... No I.A.P.I. dá... Ainda bem que é só no I.A.P.I.

==========

PERGUNTAS DE UM TRABALHADOR QUE LÊ

Quem contrui tebas de sete portas ?
Constam nos livros os nomes dos reis;
Terão os reis arrastados os blocos de pedras?
e Babilônia, tantas vêzes arrasada
- quem, tantas vêzes, a reconstruiu?
Em que [redacted] edificios da dourada Lima os construtores moravam
Para aonde iam , à noite, os pedreiros, depois de pronta
a Muralha da China?
A grande Roma é cheia de arcos de triunfo. Quem os ergueu?
Sôbre quem triunfavam os cézares ? Teria tão decantada Bizâncio
só palácios para os seus habitantes? Até na lendária Atlântida,
na noite em que pelo mar foi tragada,
os afogados devem ter gritado por seus escravos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, Pg 76

8-2ª f.

Chorou Felipe de Espanha Quando sua esquadra foi a pique;e
ninquém mais terá chorado?
A cada página um grande feito.
Quem cozinhava o banquete?
De dez em dez anos um grande homem.
Quem pagava as despesas?
Tantas histórias
quantas perguntas.

==========

PERGUNTAS DE UM HUMORISTA QUE VÊ

1º - Para onde vai o dinheiro do I.A.P.C. se não vai para o I.A.P.C.?
2º - Qual é o caixa que paga verba segreta aqueles que gastam verba segreta?
3º - Quem é que colova aquela velinha logo que o sujeito é atropelado?
4º - Quem é que escreve no Muro: ABAIxo a Ditaduta?
5º - Quem é que... tem um cigarro por aí...Ninguém tem? A casa agradece.

==========

ORGULHO

Quando o soldado amerericano me falou
de como as bem nutridas filhas da burguesia
podiam ser compradas por cigarros
e as filhas da peguena burguesia por chocolates,
e que as russas, embora esfomeadas pela trabalho escravo
não se vendiam
feriu no meu orgulho.

==========

TREXOS SELECIONADOS DO FEBEAPÁ

É por isso que quando a mini-saia foi lançada no Rio de Janeiro e excrada em Belo Horizonte, um delegado de costumes de lá, também de costumes femininos, declarou ~~que prenderia~~ aos jornais que prenderia êsse costureiro Pierre Cardin(BIcharóca Parisiense) se por acaso êle aparecesse ~~por~~ lá em Belo Horizonte com êsses vestidos imorais, decotados, essassaias curtas. Toda essa cocórocada, despertou um deputado, também de lá, que se queimou com o negócio e foi para a Câmara e Fêz um discurso violentissímo intitulado: ~~Nin~~ " Ninguém Levantará a saia da mulher Mineira."|

==========

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p-77

73

ELOGIOS DO APRENDIZADO

Aprende o que é mais simples| para aquêles
cujo momento chegou,
nunca é tarde demais,
Aprende o ABC: não basta, mas
aprende-o| não desanimes|
tens de assumir o comando|

X

Aprende, homem no refúgio|
Aprende, homem na prisão|
Mulher na cozinha aprende|
Aprende, sexagenário|
Tens de assumir o comando
Procura escola, tú que não tens casa|
Cobre-te de saber, tu que tens frio|
Tu, que tens fomes, agarra o livro é uma arma|
Tens de assumir o comando|

X

Não tenhas mêdo de fazer perguntas:
não te deixe levar por convencido,
vê com teus próprios olhos|
O que não sabes por experiência própria
a bem dizer, não sabes.
Tira a prova da conta:
és tú quem vai pagar|
Aponta o dedo sôbre cada item ,
e pergunta: como foi parar aí?
Tens de assumir o comando|

==========

ATRIBUIÇÕES DE UM PAI DE CRONISTA MUNDANO

É por isso que um deputado muito nosso conhecido, apresentou na Câmara Federal um projeto de Lei que todo pai que não colocasse seus filhos nas escolas para aprenderem a ler e a escrever, seriam condenados no mínimo a 5 anos de prisão e se o pai fôsse estrangeiro seria deportado. O pai de um conhecido cronista social... supondo que a Lei tivesse efeito retroativo virou-se para a familia e disse: ADEMAN, bola prêta prá vocês e refugiou-se na embaixada do Líbano.

==========

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, 1p-78 74 10-2ª p.

F E B E A P Á

O Festival da Besteira sempre existiu mas de uns tempos para cá parece que resolveu assolar êste país. Senão vejamos:

1º - Um time da Alemanha Oriental vinha disputar alguns jogos no Brasil e o Itamarati distribuiu uma nota avisando que os alemães só jogariam se a partida não houvesse cunho politíco.

2º - Em Mafra, Santa Catarina, um vereador propunha que se fabricasse fósforos com duas cabeças. Para economizar o pauzinho.

3º - Em Belo Horizonte, um delegado distribuiu espiões de polícia pelas arquibancadas dos estadios e declarava "Daqui por diante todo torcedor que disser mais de treis palavrões, torcendo pelo seu clube, vai prêso" Ora vá... Não, um pode...

4º - O Secretário de Segurança de Minas Gerais, proibia que mulher que se apresentasse com pernas de fora em bailes carnavalescos "para impedir que aparreçam fantasias que ofendam as Fôrças Armadas". Como se perna de mulher alguma vez na vida tivesse ofendido as armas de alguém|

5º - Já era fevereiro quando o diretor do Suprimento em Brasilia, proibia a venda de vodca "para combater o comunismo.

6º - Quando se desenhou a perspectiva de uma sêca no interior - Cearense as autoridades dirigiram uma circular aos prefeitos, solicitando informações sôbre a situação local depois da passagem do equinócio, Um prefeito enviou a seguinte resposta, à circular: " Doutor Equinócio ainda não passou por aqui. se passar será muito bem recebido como amigo, com foguetes,passeatas e festas".

7º - Em Friburgo, Estado do Rio, Capital Niterói, onde o urubú voa de costas, veste mini-saia e óculos escuros o prefeito de Friburgo inaugurava um bordel na cidade "para incentivar o turismo".

8º - Segundo tia zulmira "o policial é sempre suspeito" e por isso mesmo - a Policia de Mato Grosso não é nem mais nem menos brilhante do que as outras polícias. Tanto assim que um delegado de lá, terminou seu relatório sôbre um crime - politíco com estas palavras: " A vitíma foi encontrada às margens do rio Sucuri, retalhada em 4 pedaços, com os membros separados do tronco, dentro de um saxo de aniagem , amarrada e atada a uma pezada pedra. Ao que tudo indica, parece afastada a hipótese de suicídio."

9º - O casamento de sacerdote, politíco mineiro e matreiro, e servia para ativar debates dos cocorocas sôbre o celibato dos sacerdotes. O Casamento em si foi muito interresante

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043 f 79

colega que oficiava a cerimônia he perguntou se aceitava a noiva como legítima espôsa, respondeu com postura militar: "Aceito para cumprir um dever para com a Pátria."

10º - Manchete do jornal "Correio do Ceará" Todo fumante morre de câncer a não ser que outra doença o leve primeiro.

11º - Um politico, muito conhecido ao fazer um discurso para uma autoridade, disse uma frase digna de estatueta: " A Revolução de Março livrou o mundo da IIIª Guerra Mundial".

12º - Em Belém do Pará um vereador era o precursor dessa bobagem de proibir mulher um anúncio públicitario. No entanto, quando da proposta do precursor, na Câmara de Vereadores de Belém, um outro seu colega protestava dizendo: " O mal não reside nas figuras femininas, mas no coração de quem vê nelas o lado imoral". Eu por exemplo, seria capaz de olhar a foto de minha mãe nua e não sentiria a menor reação",

13º - EmBaurú (SP) o Delegado de Polícia oficiava ao presidente da liga de futebol de lá que não ia enviar mais policiamente para os jogos porque os campos não oferecem segutança à Policia.

14º - O Secretário de Saúde de Brasilia concedia uma entrevista sôbre o Hospital da L-2 e dizia ao "Correia Braziliense: "Logo que seja inaugurado será entreque ao público, recebendo até mesmo doentes que necessitem de cuidados médicos".

15º - Por favor Camera um; um minuto de mulher. "A ARENA ~~pode mandar~~ se quizer, pode massar o meu mandato e fazer dêle supositório para quem estiver presisando. É essa mesma... Deputada Estadual por São Paulo.

16º - Um grupo de Teatro Amador da Guanabara foi a Sergipe encenar a peça "Joana em Flor", de autoria do nosso coleguinha Reinaldo Jardim. O secretário de segurança mandou chamar a rapaziada mantendo o elenco prêso por várias horas, proibindo a peça, emitindo opiniões sôbre teatro, citando autores, entre os quais J.G.de Araujo Jorge, e disse que todo mundo era subversivo. Depoisfêz uma declaração digna de um troféu: "Em Sergipe quem entende de teatro é a Polícia."

17º - Numa recpção oferecida ao Corpo Diplomático de São Domingos o nosso muito conhecido ex-ministro, embaixador, terminava o seu brilhante discurso com essa joia de frase: " Levanto a minha taça juntamente com minha mulher". Todos ficaram esperando a prova de fôrça de ex-Ministro, mas êle levantou sòmente a taça e ~~xxxxx~~ deixou a mulher em paz.

18º - E finalmente a frase que é a rainha do FEBEAPÁ, " o que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil,o que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil, o que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil". E viva o festival da Besteira, viva| E viva o festival da Besteira, Viva| E viva o festiva da besteira, ~~Viva~~ que assola êsse País. Viva...|||

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, fl. 80

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL P- 043

CÓPIA PARA ARQUIVAMENTO POR ASSUNTO

FONTES LIMA
SUBDELEGACIA REGIONAL DO DPF/SERGIPE
RUA LAGARTO , 952 - ARACAJUH

51 8 4 68

RESPEITO RÁDIO Nº 13 VG INFORMO V. Sª PEÇA STANISLAU PONTE PRETA IMPRÓPRIA MENORES DEZOITO ANOS COM CORTES PT DR DEVERÁ EXAMINAR ANTES ESPETÁCULO SCRIPT RT CERTIFICADO CENSURA FEDERAL FINALIDADE COMPANHIA TEATRAL CUMPRIR DETERMINAÇÕES SCDP PT SDS MANOEL FELIPE DE SOUZA LEÃO NETO CHEFE DO SCDP

EP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p 81

77

ILMO. SR.
DOHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA E DIVERSÕES PÚBLICAS
BRASÍLIA - DF.

043

ARI SOARES DOS SANTOS, JORNALISTA BRASILEIRO, RESIDENTE A RUA GENERAL DIONÍSIO, 20 NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO NO ESTADO DA GUANABARA, VEM MUI RESPEITOSAMENTE REQUERER A V.S., AUTORIZAR MAIS UM DIA PARA A PEÇA" STANISLAW PONTE PRETA E O SEXO ZANGADO DE MAX FRISCH", NO MESMO LOCAL, MESMO HORÁRIO E COM O MESMO ELENCO; RESPECTIVAMENTE, AUDITÓRIO DA TV BRASÍLIA, ÀS 2L HORAS E COM AMANDIO, JORGE LORÊDO, REGINA CÉLIA, CESAR MACEDO E MIRIAM MORENO.

TÊRMOS EM QUE PEDE E
ESPERA DEFERIMENTO

BRASÍLIA, L7 DE SETEMBRO DE L968

ARI SOARES DOS SANTOS

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
ATROIS
17 de 9 de 1968

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p.82

PROC.- 0043
LIV.- 0001
PAG.- 0158
REG.- 5.049

79

DE BRECHET A STANISLAW

DE

Bertold Brecht e Sérgio Porto

Tradução de Mário da Silva.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p. 83

SRA/FICHADO
MJ-DPF-SRA/BSB

DPF-SRA
fl. n.º
Rubr.

FICHADO
S. A. DCDP

19 NOV 10 11 75 066631

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

RECEBIDO POR: Antonio

8º

Of. nº 780/75 -SCDP-SR/RJ Em 18 / 11 / 1975

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto CENSURA DE PEÇAS

Ref. prot. 46.101/75-SR/RJ

Peça "DE BRECHE A STANISLAW"

Autor Mario da Silva e Sergio Porto

Guia da SBAT 10 de novembro de 1975

De ordem a S. Exa. em 20/11/75

Ruth Nogales
Chefe do SA/DCDP

Senhor Diretor:

Para fins de exame censório, encaminho a essa DCDP, em 3 (tres) vias, o texto da peça acima referenciada e, na oportunidade, renovo a Vossa Senhoria os protestos de / minha estima e elevado apreço.

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe do SCDP - SR/RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0043 fl.84

SRA/FICHADO

MJ-DPF * SR/RJ

10 NOV 1403 46101

RECEBIDO POR:

81

ILMO.SR. DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE CENSURA FEDERAL DO DPF

BRASILIA - DF.

Saudaçoẽs:

O abaixo assinado, vem pelo presente encaminhar a V.S. para fins de CENSURA 3 copias da peça " DE BRECHT A STANISLAU " de autoria de Bertolt Brecht -trad. de Mario da Silva e Sergio Porto, para apresentação da empresa Helromi Produçoẽs, no Teatro da Praia, no dia 15 de Dezembro de 1975.

Rio,10 de Novembro de 1975

Atenciosamante

Helio Rodrigues

CPF. 149674057

Carteira de Identidade FP.2061905

Endereço da empresa:

Rua Almirante Baltazar,63-casa 2

São Cristovão - Rio de Janeiro -RJ.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p 85

Ao Cadastro
Para verificar
se ha registro.
E-, 10/11/75
Cadastro

Arquivo.
Não consta registro.

A Secretaria
Para encaminhar
a Brasília.
E-, 12/11/75
Cadastro

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p. 86

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sêde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

82

Rio, 10 de Novembro de 1975

Ilmo. Sr.
Diretor do Departamento de Censura Federal
(Departamento de Polícia Federal)
Brasilia D F

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa. para fins de CENSURA, tres copias da peça

DE BRECHT A STANISLAU

Original de Bertolt Brechet-trad. Mario da Silva e Sergio Porto

Tradução de Mario da Silva.

Próxima apresentação de Empresa Helromi Produçoẽs

Teatro DA PRAIA Cidade RIO DE JANEIRO

Estado RJ.-

A estréia está prevista para 15 de Dezembro de 1975

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração,

Pela SBAT,

Jul Lazard

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043 | P.87

TEATRO

83

TÍTULO De Breche A Stanislaw

de

Bertold Brechet e Sérgio Porto e Mário da Silva

1) ~~S. ARQUIVO~~ SCTC

Documentação

Clas. Anterior 18 anos.

Praça Rio de Janeiro - RJ.

Obs.: Certificado c/ prazo de validade vencido.

DF. 21/11/1975

Chefe Seção ~~Arquivo~~

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame de __/__/__ a __/__/__

DF. __/__/__

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C. À Seção de Expedientes, para, de conformidade com o Parecer 9887-75, expedir certificado com impropriedade para menores de 18 anos, com os cortes assinalados.

2 — Encaminhe-se à consideração da Chefia.

Em 2-12-75.

Florivaldo de Carvalho Queiróz
Subst. Chefe da Seção de Censura de Teatro e Congêneres / SC

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Sr. Diretor da DCDP, por tratar-se de peça para a qual os censores propõem a classificação de 18 (dezoito) anos, com os cortes assinalados.

Em 11/12/75

Coriolano de Loyola Cabral Fagundes
Chefe do Serviço de Censura - D.C.D.P.

5) Diretor da D. C. D. P.

Sdeu. 11/12/75

ROGÉRIO NUNES
Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0043,P.88

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

84

PARECER Nº 5884 /75

TÍTULO: "DE BRECHT A STANISLAU PONTE PRETA"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 anos, c/corte

Autores: Bertold Brecht e Sérgio Porto
Tradução de Mário da Silva

Peça teatral já liberada anteriormente com restrição etária máxima, cujo certificado de censura encontra-se vencido.

O espetáculo consta de duas partes. A primeira, não apresenta divergência com o original que se encontra no processo. Entretanto, na segunda, há supressão dos poemas "Perguntas de um humorista que vê " e "Orgulho", além do acréscimo de "Decálogo do homem solteiro"; "Inéditas do Lalau"; "Sketch do Buraco";"As máximas de Tia Zulmira" e "Sketch: um americano na Boite Fred's".

Com relação a aspectos censórios, das passagens acrescentadas, inexistem maiores implicações . Contudo, sugerimos corte do item 14 (pág. 47), por considerarmos seus termos um pouco chocantes, excessivos, não obstante todo o contexto se desenrolar em meio a ironias, críticas, sátiras e irreverências, próprias do conhecido humorista.

Opinamos pela mesma impropriedade de 18 anos, condicionada ao exame do ensaio-geral.

Brasília, 27 de novembro de 1 975.

Edite K. Nakashoji
Edite K.Nakashoji

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

85

12 - Um grupo de Teatro amador da Guanabara foi a Sergipe encenar a peça "Joana em Flor" de autoria do nosso coleguinha Reinaldo Jardim. O Secretário de Segurança mandou chamar a rapaziada mantendo preso todo o elenco por várias horas, proibindo a peça e emitindo opiniões sobre teatro, citando autores, entre os quais J. G. de Araujo Jorge, e dizia que todo mundo era um bando de subversivo e depois fez uma declaração digna de um troféu: "Em Sergipe quem entende de Teatro é a polícia."

13 - Numa recepção oferecida ao Corpo Diplomático de São Domingos o nosso muito conhecido Ex-Ministro e embaixador, terminava o seu brilhante discurso com essa jóia de frase: "Levanto a minha taça juntamente com minha mulher". Todos ficaram esperando a prova de força do nosso ex-Ministro, mas ele se mancou e levantou só a sua taça e deixou a mulher em paz."

14 - Em Belo Horizonte o Secretário de Segurança quis prender uma churrascaria. É que certa noite o Secretário de Segurança quis jantar fora, e foi a churrascaria Farroupilha, e antes de comer deu vontade de fazer pipi e ele foi naturalmente. É deste simples ato diurético ia se criando uma verdadeira onda careca. O Sr. Secretário saiu de lá de dentro ameaçando prender todo mundo. Mas o que foi o que não foi. Aí ele acabou expricando, que quando ele mijava, lia uma porção de sacanagem envolvendo o seu nome nas paredes do mictório. Mas foi uma dificuldade prá sossegar a autoridade.

COM CORTES

COM CORTES

15 - Em Niterói, o Delegado de Costumes proibia uma festa de travestis que se realizaria no Hotel Itaipú. O Delegado apesar de se chamar Jardim não queria fruta nas redondezas. Aí houve uma bicharoca que telefonou para ele e perguntou: "Dr. Delegado se eu for em cana por causa da festinha, será que o Sr. me arranja uma cela de casal? .....

Fim.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043 p-90

15/12/75

950/75-SCTC/SC/DCDP

Superintendente Regional do DPF no Rio de Janeiro-SR/RJ

" DE BRECHT A STANISLAU"

Bertold Brechet e Sérgio Porto

Superintendente:

Rio de Janeiro-SR/RJ

rs/

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p.91

COM CORTES

5.049/75

: DE BRECHT A STANISLAU

: B. BRECHT

09 DEZEMBRO 80

09 DEZEMBRO 75

ROGÉRIO NUNES.

PROIBIDO PARA 18 MENORES DE DEZOITO ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0043, p.97 1/92

: DE BRECHT A STANISLAU

: B. BRECHT
: MÁRIO DA SILVA E SÉRGIO PORTO

COM CORTES

: HELROMI PRODUÇÕES - RJ -
: HÉLIO RODRIGUES ALVES

02 DEZEMBRO 75

: PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CORTE ASSINALADO À PAG. 47 (ITEM 14). CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.::

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 ANOS

Coriolano de L.C. Fagundes

09 DEZEMBRO 75 CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES

mhf